



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARIA DAS VITORIAS SANTOS SILVA COSTA**

**A INFLUÊNCIA, O IMPACTO E A CONTRIBUIÇÃO DO PNAIC NA  
ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DE DONA INÊS/PB**

**GUARABIRA – PB**

**2017**

**MARIA DAS VITORIAS SANTOS SILVA COSTA**

**A INFLUÊNCIA, O IMPACTO E A CONTRIBUIÇÃO DO PNAIC NA  
ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DE DONA INÊS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado á Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, em cumprimento às exigências legais.

**Área de concentração:**

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup>: Dra. Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C253i Costa, Maria das Vitórias Santos Silva  
A influência, o impacto e a contribuição do PNAIC na  
alfabetização dos alunos de Dona Inês/PB [manuscrito] / Maria  
das Vitórias Santos Silva Costa. - 2017.  
54 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
PEDAGOGIA) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2017.

"Orientação: MÔNICA DE FÁTIMA SILVA  
CAVALCANTE PEREIRA, Departamento de Educação".

1. Alfabetização. 2. Avaliação. 3. PNAIC. 4.  
Aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 372.6

MARIA DAS VISTORIAS SANTOS SILVA COSTA


INFLUÊNCIA, IMPACTO E CONTRIBUIÇÃO DO PNAIC NA ALFABETIZAÇÃO DOS  
ALUNOS DE DONA INÊS/PB


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado á  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito para a obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia, em cumprimento às  
exigências legais


Área de concentração:

Data da avaliação: 26/04/2017

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr.ª Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira (Orientadora)**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Ms.ª Márcia Gomes dos Santos Silva**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr.ª Taisés Araújo da Silva Alves**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

]

A minha mãe, Maria das Graças dos Santos, que com discernimento sempre soube me educar, proteger e amar, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus que me deu forças e nunca me desamparou. Deus, muito obrigado pela tua presença em minha vida.

À minha orientadora Mônica Cavalcante, pelo carinho, paciência, disponibilidade e incentivo.

Agradeço à minha família por tanto amor em mim dedicado.

Agradeço especialmente à minha mãe, que na sua simplicidade sempre me coloca em suas orações.

À minha irmã Sandra por estar sempre presente e disposta a ajudar.

Às minhas amigas Vitória e Ester pelo apoio nos momentos que mais necessitei.

A professora Vanuza Valério, que acreditou no meu potencial e me ensinou a crescer academicamente.

Agradeço ao meu esposo, João, pela forma carinhosa em que me ajuda, e pela compreensão em todas as ocasiões.

Às amigas que ganhei durante o curso, pela ajuda em todos os momentos solicitados, especialmente, Tatiane, Simony e Márcia Regina.

E a todos que direta ou indiretamente, contribuíram e fizeram parte da minha formação.

*“Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.*

(Paulo Freire)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 1: Escrita de nível Pré-silábico (criança de 3 anos)
- Imagem 2: Escrita de nível Pré-silábico (criança de 3 anos)
- Imagem 3: Escrita de nível Pré-silábico (criança de 4 anos)
- Imagem 4: Escrita de nível Pré-silábico (criança de 4 anos)
- Imagem 5: Escrita de nível Silábico (criança de 5 anos)
- Imagem 6: Escrita de nível Silábico (criança de 6 anos)
- Imagem 7: Escrita de nível Silábico (criança de 6 anos)
- Imagem 8: Escrita de nível Silábico-alfabético (criança de 5 anos)
- Imagem 9: Escrita de nível Silábico-alfabético (criança de 5 anos)
- Imagem 10: Escrita de nível Alfabético (criança de 6 anos)
- Imagem 11: Escrita de nível Alfabético (criança de 5 anos)
- Imagem 12: Escrita de nível Alfabético (criança de 6 anos)
- Imagem 13: Gráfico do Plano Nacional de Educação
- Imagem 14: Gráfico dos resultados da ANA 2013 Escola Municipal Mundo Encantado da Criança
- Imagem 15: Gráfico dos resultados da ANA 2014 Escola Municipal Mundo Encantado da Criança
- Imagem 16: Escrita de Jennyfer e Maria Joyce
- Imagem 17: Escrita de Joyce Maysa e Alan
- Imagem 18: Escrita de Ana Michelle e Thaís
- Imagem 19: Escrita de Valterdes e Vitor
- Imagem 20: Escrita de Isaías e Ana Clara
- Imagem 21: Escrita de José Kauê e Ivanilson
- Imagem 22: Escrita de Wesley e Wenisson
- Imagem 23: Escrita de Eyshellia e Clarice
- Imagem 24: Escrita de Kayo Douglas e Júlio César



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ANA** – Avaliação Nacional da Alfabetização

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

**GESTAR** – Gestão da Aprendizagem Escolar

**MEC** – Ministério da Educação

**P1** – Professor 1

**P2** – Professor 2

**P3** – Professor 3

**PB** – Paraíba

**PCN'S** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PDE** – Plano de Desenvolvimento da Educação

**PME** – Plano Municipal de Educação

**PNAIC** – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

**PNE** – Plano Nacional da Educação

**PROFA** – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores

**PROFORMAÇÃO** – Programa de Formação de professores em Exercício

**SEMEC** – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

**SOMA** – Pacto pela Aprendizagem na Paraíba

**UFPB** – Universidade Federal da Paraíba

**UFPE** – Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....   | 11 |
| <b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....  | 12 |
| 2.1 <b>Concepções de alfabetização: a psicogênese como base de análise</b> ..... | 12 |
| <b>3. RETOMANDO O PERCURSO PARA ENTENDER A REALIDADE:</b>                        |    |
| <b>Porque analisar a eficiência do PNAIC em Dona Inês?</b> .....                 | 18 |
| 3.1 <b>Políticas educacionais para a alfabetização no Brasil</b> .....           | 19 |
| 3.2 <b>Conhecendo o PNAIC</b> .....  | 21 |
| <b>4. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....  | 24 |
| 4.1 <b>O problema da pesquisa</b> .....  | 24 |
| 4.2 <b>Os objetivos da pesquisa</b> .....  | 25 |
| 4.3 <b>Contextos pesquisados</b> .....   | 25 |
| 4.4 <b>Técnicas utilizadas</b> .....   | 26 |
| 4.4.1 <b>Observação participada</b> .....  | 26 |
| 4.4.2 <b>Entrevista semi-estruturada</b> .....                                   | 27 |
| <b>5. RESULTADOS OBTIDOS</b> .....   | 28 |
| 5.1 <b>Os dados estatísticos</b> .....   | 28 |
| 5.2 <b>A observação participada</b> .....  | 31 |
| 5.3 <b>O resultado das entrevistas semi-estruturadas</b> .....                   | 31 |
| 5.4 <b>O resultado das análises das escritas</b> .....                           | 37 |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 46 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 49 |
| <b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b> .....                         | 51 |
| <b>ANEXO</b> .....   | 54 |

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de avaliar o PNAIC-Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, enquanto política pública nacional que direciona a formação continuada dos professores alfabetizadores nos estados e municípios, se configurando como micropolítica nacional. Discutiremos aqui a caracterização e análise do programa, enquanto macropolítica, e sua formatação e reflexo dentro o município de Dona Inês/PB. As questões que direcionam esta pesquisa são as que seguem: O PNAIC está trazendo resultados positivos? O programa tem contribuído para a definição eficiente da prática do professor e como consequência tem apresentado resultados positivos no tocante à alfabetização? Para responder tais questões, a pesquisa bibliográfica se mostrou como melhor meio metodológico. No entanto, foi necessário também a realização de uma pesquisa de campo com aplicação de questionário e análise da escrita das crianças para identificação dos níveis em que elas se encontram. Tomamos por base teórica a Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro, e os estudos de Ana Teberosky. Os instrumentos escolhidos foram essenciais para garantir a análise de dados reais e concretos; o que permitiu chegar à conclusão sobre a eficiência ou não do referido programa nos resultados obtidos pela escola. Os dados desta pesquisa servirão para contribuir na identificação dos pontos fortes e frágeis do programa citado, subsidiando o município de Dona Inês/PB na busca pela definição eficiente de suas políticas de combate ao analfabetismo no PME- Plano Municipal de Educação. Tais dados apontam para o fato de que o município tem desenvolvido as formações e tem monitorado as ações do programa através do trabalho da equipe gestora, no entanto ainda não consegue alcançar as metas estabelecidas no PNE e referendadas no PME.

Palavras-chave: Alfabetização. Avaliação. PNAIC. Aprendizagem.

## ABSTRACT

This research aims to assess the National Pact for Literacy in the Right Age (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC) as a national public policy that directs continuing education of literacy teachers in states and cities, thus becoming a national micro policy. We are going to discuss here the characteristics and analysis of the program, as a macro policy, and also its organization and reflection in Dona Ines, a town in the state of Paraíba. This study is motivated by the following research questions: Has PNAIC been bringing about positive outcomes? Has the program been contributing to the efficient definition of teachers' pedagogical practices and as a result has been presenting positives outcomes regarding literacy? In order to answer such questions, we employed the methodology of bibliographic research. Nevertheless, it was also necessary to conduct a field research by carrying out a questionnaire and examining children's writing to identify in which level are they. The theoretical framework is based on *Psicogênese da Língua Escrita* by Emília Ferreiro and on Ana Teberosky studies. The selection of instruments was essential so as to ensure an analysis of authentic and factual data, which has allowed us to come to a conclusion on the efficiency or inefficiency of the aforementioned program through the results obtained by the school. The data derived from this research will contribute to identify the pros and cons of the program, assisting Dona Ines town in the search of an effective definition of policies concerning the fight against illiteracy in the Local Educational Plan (Plano Municipal de Educação - PME). Such data point to the fact that the town has developed the training and has been monitoring the program actions through the management team work, although the goals established in the PNE and referenced in the PME cannot yet be reached.

**Keywords:** Literacy; Assessment; PNAIC; Learning.

## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, intensificaram-se as discussões acadêmicas sobre a alfabetização, com o intuito de encontrar formas de atenuar o fracasso escolar nesta fase, uma vez que se presume que uma alfabetização de qualidade, implica na solidez necessária para um desenvolvimento promissor de qualquer indivíduo. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo, analisar a eficiência do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), enquanto macropolítica pública nacional de formação continuada que, direciona a prática dos professores alfabetizadores dentro do município de Dona Inês/PB. Cabe salientar que o programa veio estabelecer para estados e municípios o compromisso de alfabetizar crianças de até no máximo 8 anos de idade, ao final do ciclo de alfabetização.

Esta pesquisa se justifica no fato de que nos últimos quinze anos, foram implantados vários programas e projetos, todos desenvolvidos em âmbito nacional, através das secretarias de educação dos estados e municípios, e que foram postos em prática no campo educacional; no entanto, a problemática do analfabetismo, e da distorção série idade (como fator decorrente), continua latente, a ponto de serem vistos como problemas prioritários a serem superados no novo PNE- Plano Nacional da Educação 2014-2024. Neste sentido, é necessário analisar o referido programa como mais um que o Ministério da Educação (MEC) lança como meio necessário para sanar o problema do analfabetismo nos estados e municípios.

A pesquisa desenvolvida é do tipo etnográfica, com direcionamento para um estudo de caso. É também do tipo bibliográfica, uma vez que, envolve a análise dos manuais e documentos que compõem o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa- PNAIC, bem como a leitura de livros e artigos periódicos sobre o tema.

Como fundamentação teórica, essa pesquisa teve por base as ideias de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que serviram principalmente para análise do nível de escrita das crianças, que foram objeto deste estudo, a fim de verificar a evolução da sua aprendizagem como será descrito mais adiante.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente faremos uma abordagem do tema delimitando o referencial teórico que será utilizado na análise dos resultados. Na sequência, procura-se justificar a pesquisa, refazendo os caminhos para se chegar à problemática e para compreender a importância da mesma para o campo de pesquisa analisado. Ao mesmo tempo, busca-se situar o leitor sobre o programa apresentando um breve

histórico. A terceira parte traz a metodologia, delimita os objetivos e apresenta os instrumentos. A quarta parte traz a análise dos resultados e, por fim, a quinta parte apresenta as considerações finais.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico é a base para qualquer trabalho científico. Ele serve para nortear e fundamentar o trabalho, utilizando como base, livros e outros estudos publicados de autores que pesquisam sobre o tema. Essa teoria nos possibilita o enriquecimento do conhecimento necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (2003) a finalidade da pesquisa científica não deve ser apenas fazer uma descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo, no que se refere aos dados obtidos, e para tanto, deve haver a correlação da pesquisa com o universo teórico.

### **2.1 Concepções de alfabetização: a psicogênese como base de análise**

A revisão da Psicogênese da Língua Escrita neste trabalho se tornou fundamental enquanto referencial teórico, uma vez que propicia uma compreensão clara e validada cientificamente sobre a aprendizagem da língua escrita. Ressalta-se também, o fato de que é a Psicogênese a base de análise dos diagnósticos do PNAIC, sendo portanto, necessária a abordagem sobre seus princípios básicos. A Psicogênese traz um conceito de alfabetização que considera o aluno como sujeito da aprendizagem. Um sujeito que pensa e é capaz de *“compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca”* (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 26).

A análise de uma política de alfabetização exige de início a compreensão do conceito de alfabetização, abordada aqui como o ato de ler e escrever convencionalmente. Segundo Ferreiro (1999), a criança passa por um processo de elaboração de hipóteses e superação de dificuldades muito complexo neste período, sendo portanto, necessário conhecê-lo para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para Ferreiro (2010), quando a criança vem para a escola já traz consigo uma série de experiências, atitudes, valores e hábitos de linguagem, que, refletem a cultura de sua família e do seu meio social. É importante que a escola saiba incorporar tudo isso ao cotidiano da sala de aula. Trata-se da “*ideia é partir do que eles sabem para que desenvolvam o que ainda não sabem, entendendo a criança como sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu*” (FERREIRO, 2010, p. 41). A pesquisadora afirma que a criança emprega um grande esforço na tentativa de compreender o sistema de linguagem escrita. Para ela:

Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados, a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais. Para tanto, não exercita uma técnica específica de aprendizagem. Como já fez antes, com outros tipos de objeto, vai descobrindo as propriedades dos sistemas simbólicos por meio de um prolongado processo construtivo (FERREIRO, 2010, p. 44).

Sua compreensão é a de que o processo de ensino aprendizagem se dá a partir, do instante que o aluno desenvolve a leitura e, por meio da leitura começa a arriscar vestígios de escrita. A Psicogênese permite afirmar que, este é um dos momentos mais interessantes para o discente e para o educador, porque é nesse momento que aluno reproduz a partir da escrita o que diz oralmente, e isso é um salto de qualidade educacional, ao mesmo tempo em que, representa mais possibilidade de interação social, num contexto em que o letramento é vivenciado constantemente.

Ferreiro nos mostra ainda que, a escrita será mais precisa além dos muros da escola, ou seja, eles aprendem a ler e escrever nas salas de aulas, mas a utilizarão fora delas, e levarão para toda vida. Segundo ela, “*o aprendiz deve respeitar cuidadosamente a forma reproduzindo-as seguindo um traçado imposto*” (FERREIRO; TEBEROSKY 1999, p. 21). Nesse processo que o aluno vai aprender a ler e escrever, é preciso que o professor o ajude a entender que a partir da leitura que se aprende a escrever, e que escrever é tão importante quanto saber ler, porém, é lendo que descobrimos o que está escrito e a escrita é a representação da nossa fala.

No processo de ensino regular, ainda percebemos a predominância do método tradicional, pois a escola fragmenta demais a língua, o que faz com que o ensino da escrita se torne amplamente complexo, já que, as crianças são condicionadas apenas a transcrever e memorizar letras e famílias silábicas, o que desconsidera totalmente as hipóteses de escritas

descritas por Ferreiro. Em seu trabalho “*Psicogênese da Língua Escrita*” Ferreiro descreve o processo pelo qual as crianças passam quando estão aprendendo a escrever. Para ela, as crianças constroem hipóteses na tentativa de testá-las até construírem o sentido para as palavras. Ela ainda afirma que, para que uma criança aprenda a escrever, ela precisa responder a duas questões: *o que a escrita representa? E como ela representa?* Ela descreve esse processo enquadrando as fases do desenvolvimento da escrita em níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético e, propõe várias intervenções práticas no sentido de fazer as crianças evoluírem em suas hipóteses. A leitura da *Psicogênese* permite uma visão diferenciada sobre o processo de alfabetização das crianças, uma vez que propicia um maior conhecimento sobre como elas pensam neste período. Faz-se necessário aqui uma definição sucinta de cada etapa, para maiores esclarecimentos:

1. NÍVEL PRÉ-SILÁBICO: De acordo com Ferreiro (1999) a hipótese central deste nível é que para poder ler coisas diferentes deve haver uma diferença objetiva nas escritas. Para a criança que se encontram nesta hipótese, as partes da escrita não correspondem às partes do nome, uma vez que ela ainda não respondeu a primeira questão necessária para ser considerada alfabetizada (*o que a escrita representa?*). Assim, a criança ainda não entende que a escrita representa a fala e portanto não aceita os grafismos como seu objeto substituto. Trata-se de uma fase em que há a utilização de grafismos primitivos que vão dos rabiscos indefinidos aos símbolos e pseudoletas, misturadas com letras e números. As crianças não demonstram preocupação com as propriedades sonoras da escrita, no entanto, exploram tanto os “*critérios qualitativos*” (varia o repertório das letras ou a posição das mesmas, sem alterar a quantidade) quanto os “*critérios quantitativos*” (varia a quantidade de letras de uma escrita para outra, sem preocupação com as propriedades sonoras). Para elas a leitura e a escrita só são possíveis se houver muitas letras (mais de 3 ou 4), e letras diferentes e variadas. Seguem alguns exemplos<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> Disponíveis em: <<http://pedagogia-unimontes.blogspot.com.br/2011/11/niveis-da-escrita.html>> Acesso em: 02 Jan 2017.



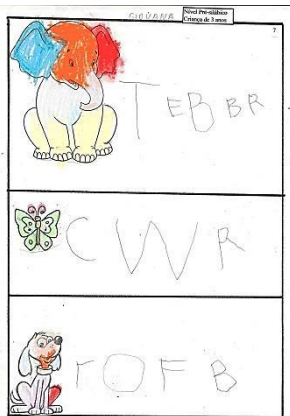


Imagem 1: Escrita de nível Pré-silábico, criança de 3 anos.

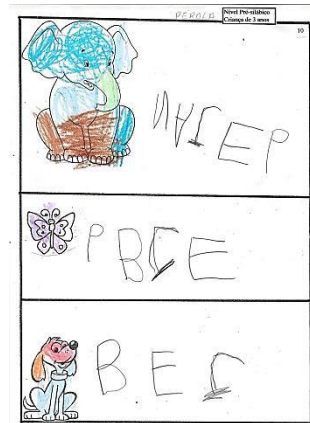


Imagem 2: Escrita de nível Pré-silábico, criança de 3 anos..

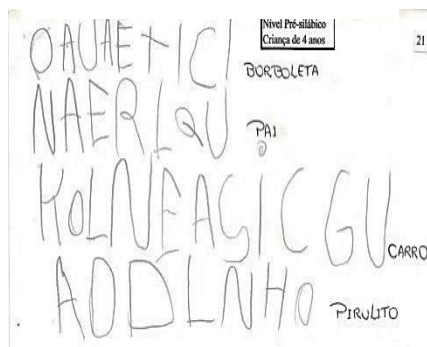


Imagem 3: Escrita de nível Pré-silábico, criança de 4 anos.

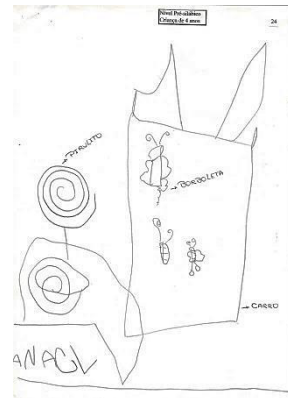


Imagem 4: Escrita de nível Pré-silábico, criança de 4 anos.

2. **NÍVEL SILÁBICO:** De acordo com Ferreiro (1999) este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a escrita. Esta hipótese representa um grande avanço no processo de alfabetização das crianças, porque significa o momento de encontro da resposta para a questão anterior: *o que a escrita representa?* Ela finalmente compreende que a escrita representa a fala e a partir de então, começa a formular hipóteses para responder outra questão: *como a escrita representa a fala?* Começa a preocupação com quantidades de letras a serem utilizadas e mesmo com a escolha das letras a serem usadas. Faz correspondência termo a termo e tenta estabelecer partes da grafia a cada som fonético emitido: cada letra vale por uma sílaba. Diferentemente do nível anterior, ela passa a aceitar que poucas letras podem representar o nome de um objeto. Seguem alguns exemplos



Imagem 5: Escrita de nível Silábico, criança de 5 anos.



Imagem 6: Escrita de nível Silábico, criança de 6 anos.



Imagem 7: Escrita de nível Silábico, criança de 6 anos.

3. **NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO:** Esta fase é bastante deturpada por professores que não conhecem o processo de desenvolvimento alfabético da criança, pois eles costumam afirmar que as crianças estão “engolindo letras”. De posse do conhecimento sobre a Psicogênese, nós podemos afirmar que trata-se justamente do oposto: as crianças começam a acrescentar letras, uma vez que na etapa anterior, elas tiveram tendência a escrever uma letra para cada som emitido, ou seja, para cada sílaba. O nível silábico alfabético é quando a hipótese de uma só letra para cada som fonético não mais convence a criança. Neste caso, ocorre uma escrita curiosa onde algumas sílabas são representadas silabicamente e outras alfabeticamente. O silábico alfabético é um período de transição que culmina com a alfabetização da criança. Seguem alguns exemplos de crianças de 5 anos:

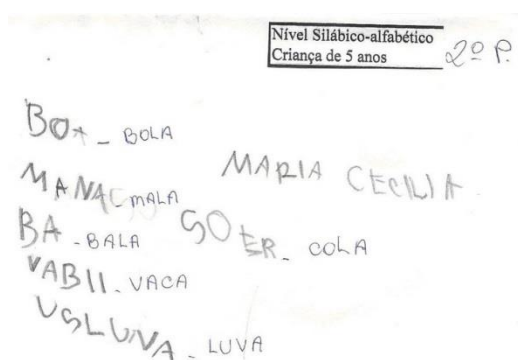


Imagem 8: Escrita de nível Silábico-alfabético.

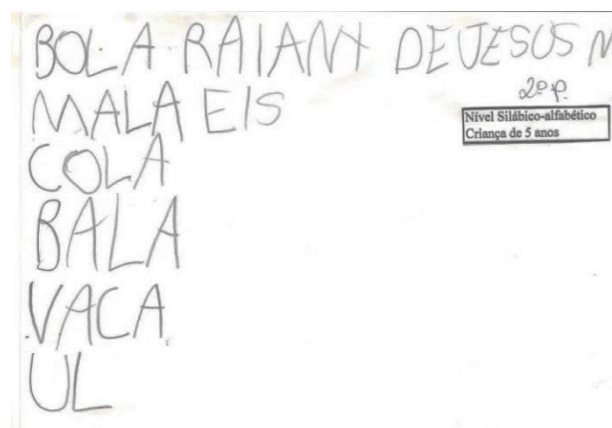


Imagem 9: Escrita de nível Silábico-alfabético.

4. NÍVEL ALFABÉTICO: “Ao chegar a este nível a criança já compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999 p. 219), ou seja, nesta fase a criança já estabelece correspondência entre fonemas e grafias. A escrita alfabética representa o final desta evolução, a partir de agora ela vai se deparar com outros conflitos que surgirão, principalmente os relacionados às dificuldades próprias da ortografia. Segue alguns exemplos:

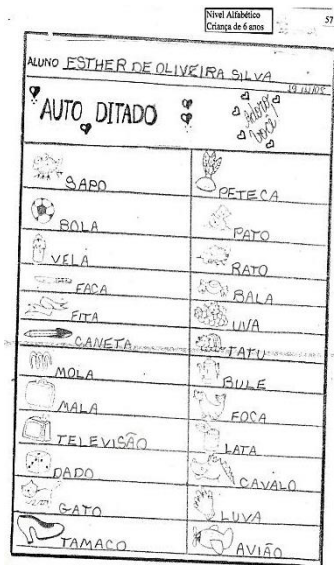


Imagem 10: Escrita de nível Alfabético, criança de 6 anos.



Imagem 11: Escrita de nível Alfabético, criança de 5 anos.

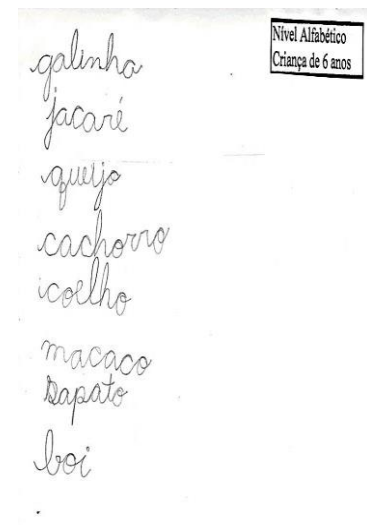


Imagem 12: Escrita de nível Alfabético, criança de 6 anos.

Como visto, o processo de alfabetização não é algo simples e rápido, e ocorre por meio de vários fatores que não obedecem regras pré-definidas ou controladas a priori. Passa por etapas que vão se cumprindo de formas variadas, o que exige o conhecimento de cada uma dessas etapas por parte do professor, para que estas não sejam atropeladas ou simplesmente ignoradas. Para Ferreiro, a interação com o outro mais experiente é fundamental. Ela afirma ainda que um planejamento docente exige o conhecimento sobre quem são os alunos e o que eles sabem sobre a escrita. Trata-se de uma prática que alia o social, o cognitivo e o conteúdo em si, nada fácil de ser realizada, mas extremamente necessária, que exige muito do educador, qual deve estar em constante busca de novos conhecimentos.

Os conhecimentos produzidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, tornam mais fácil a análise do desenvolvimento dos alunos que estão em fase de alfabetização. Sendo estes

alunos e seu processo de alfabetização o principal foco do PNAIC, cabe compreender de início porque o Brasil tem investido há anos em programas e projetos voltados para a formação do professor alfabetizador, e mesmo assim, na prática, não há uma diminuição considerável dos índices de analfabetismo no país. Esta preocupação justifica a atual pesquisa que busca analisar a eficiência do referido programa no tocante à alfabetização, posto que tantos outros já foram implantados e substituídos nos últimos anos, e seus resultados práticos não refletem a superação da problemática. É neste sentido que segue uma retomada dos programas de formação para os professores alfabetizadores, na tentativa de situar e compreender melhor o PNAIC e a atual realidade das escolas.

### **3. RETOMANDO O PERCURSO PARA ENTENDER A REALIDADE: Porque analisar a eficiência do PNAIC em Dona Inês?**

Como já afirmado, a alfabetização é um tema que provoca muitas discussões, principalmente quando está relacionado às políticas públicas para formação do professor. Essas discussões ocorrem principalmente porque a adoção de uma política de formação exige mudança de concepção, de postura docente, de filosofia, dentre outras modificações importantes; que mexem diretamente com todo contexto educacional. Nos últimos anos, mais especificamente a partir do ano 2000, a inserção mais latente da psicologia no campo educacional provocou grandes mudanças e deu margem a formatação de inúmeros programas e projetos, que funcionaram e funcionam como macropolíticas, uma vez que são adotados em âmbito nacional e se transformam em micropolíticas nos estados e municípios.

O mais recente dos programas de formação do professor alfabetizador é o PNAIC, que foi formatado no contexto do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação), o qual apresenta como uma de suas metas a promoção da igualdade, não apenas em relação ao acesso, mas também ao sucesso de todas as crianças na escola. O conjunto de metas que compõem este movimento deu margem à construção do novo PNE – Plano Nacional da Educação 2014-2024. Como já citado anteriormente, uma das metas pactuadas é ter “*toda criança plenamente alfabetizada até os oito anos de idade*”, ou seja, no 3º ano do ensino fundamental.

Passados vários anos, a alfabetização continua sendo uma questão amplamente discutida pelos que vivenciam a educação formal. Trata-se de uma problemática latente, que

direciona para a busca de compreensão dos motivos de fracasso dos alunos e dá margem ao desenvolvimento de inúmeros programas no campo educacional brasileiro. Cabe lembrar que, esses programas são formatados pelo Ministério da Educação em nível nacional, se configurando como macropolíticas e, direcionados para os municípios para sua efetivação prática enquanto micropolítica. A seguir faremos um breve resgate dos principais programas lançados pelo MEC, quais foram implantados na última década no município de Dona Inês, com a mesma finalidade: promover na formação continuada dos professores para consequentemente obter bons resultados na alfabetização dos alunos.

### **3.1. Políticas educacionais para a alfabetização no Brasil**

Como citado anteriormente, as políticas educacionais para a alfabetização mais recentes no país têm seu foco voltado para a busca pela melhoria da qualidade, tendo como base, a formação continuada dos docentes. Assim, vários programas de formação continuada e de capacitação em serviço, têm sido desenvolvidas, abordando diferentes problemáticas e apontando distintas soluções. Nesse contexto, nas últimas duas décadas, foram implantados pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Dona Inês (SEMEC) alguns programas de formação continuada para professores, lançados pelo Ministério da Educação, tais como:

- **PROFORMAÇÃO** – (Programa de Formação de Professores em Exercício): foi instituído a partir de 1999, trata-se de um curso de nível médio com habilitação para o magistério e se destina aos professores sem habilitação mínima, atuantes nas quatro séries iniciais do ensino fundamental e educação infantil. Os objetivos além de titular professores, era oferecer condições técnicas para a melhoria da prática pedagógica, contribuindo deste modo, para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e a elevação do desempenho escolar dos alunos.
- **PCN'S EM AÇÃO** – (Parâmetros em Ação): foi um projeto cujo propósito era apoiar e incentivar o desenvolvimento profissional de professores de forma articulada com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e dos Referenciais Curriculares Nacionais no ano de 1999. A proposta era propiciar momentos agradáveis de aprendizagem coletiva e aprofundamento no estudo dos Referenciais Curriculares elaborados pelo MEC, intensificando o gosto pela construção coletiva do conhecimento pedagógico, e principalmente, criar novas possibilidades de trabalho com os alunos para

melhorar a qualidade de suas aprendizagens. No contexto de formação, foi formatado um manual específico para o professor alfabetizador, cuja proposta se baseia nas argumentações teóricas de Ferreiro e Teberosky.

- PROFA – (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores): trata de um curso de formação lançado em 2001, destinado a professores que ensinam a ler e escrever nas séries iniciais do ensino fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). “*O grande desafio colocado por esse curso é aprender como se pode alfabetizar crianças e adultos para que, de fato, venham a assumir a condição de cidadãos da cultura letrada*” (BRASIL, 2001, p.4). A fundamentação teórica tem base nos estudos sobre as transformações nas práticas de ensino da leitura e da escrita, ocorridas a partir de 1985 com as pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. O PROFA, leva em conta a concepção de que, para o aluno aprender corretamente a ler e escrever, é necessário que ele participe de situações que o façam refletir, inferir, estabelecer relações e compreender informações, transformando-a sem conhecimento próprio.
- GESTAR – (Programa Gestão da Aprendizagem Escolar): surge em 2007 e apresenta-se como um conjunto de ações articuladas a serem desenvolvidas junto a professores habilitados para atuar na alfabetização e primeira fase do ensino fundamental, que estejam em exercício em escolas públicas abordando prioritariamente as áreas de língua portuguesa e matemática. A finalidade é contribuir e orientar na formação dos professores para a escola e, principalmente, para o atendimento ao aluno do ensino fundamental, colaborando para a melhoria da qualidade da aprendizagem.
- ESCOLA ATIVA: foi um programa desenvolvido para as escolas do campo, pois de acordo com BRASIL (2010), as escolas multisseriadas eram consideradas como resquício de um período em extinção em decorrência do processo acelerado de urbanização. Os espaços do campo eram comumente negligenciados por políticas públicas e atendida apenas por políticas compensatórias. Nesse contexto, ela recebe um programa que procura auxiliar o trabalho do educador. Suas ações começaram a ser implantadas a partir de 1997, tendo como objetivo aumentar o nível de aprendizagem dos educandos, reduzir a repetência, garantir a alfabetização, combater a evasão e elevar as taxas de conclusão das séries iniciais do ensino fundamental, nas escolas multisseriadas do campo.

- **PRO-LETRAMENTO:** é um programa de formação continuada de professores, implantado no ano de 2005, que visa a melhoria da qualidade de aprendizagem de leitura, escrita e matemática nos anos iniciais do ensino fundamental. Um de seus objetivos é oferecer suporte à ação pedagógica dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, contribuindo para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa e matemática.

Mais recentemente, em 2013 é lançado o PNAIC, o qual é foco desta pesquisa. Sobre este discorreremos a seguir. Salienta-se aqui o fato de que a escola, diante de tantos programas e projetos descontínuos, têm se transformado num campo de experiências. A cada momento uma nova concepção, uma nova filosofia, uma nova prática. Todos eles são adotados como meio de garantia da “*melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem da educação fundamental*”, frase que está presente nos objetivos de todos estes programas. E neste sentido, outras questões precisam ser respondidas: *Que formatação tem este último que o difere dos demais? Será que este não é apenas mais um? Quais os seus resultados até o momento?* São questões que inquietam e conduzem a uma busca por respostas.

### **3.2 Conhecendo o PNAIC**

Na história do Brasil, temos vivenciado a dura realidade de identificar que muitas crianças têm concluído sua escolarização sem estarem alfabetizadas. Deste modo BRASIL (2012) afirma que o programa surge como uma luta para garantir o direito de alfabetização plena das crianças, até o final do ciclo de alfabetização. Busca-se, para tal, contribuir para o aperfeiçoamento profissional dos professores alfabetizadores.

[...] a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática (BRASIL, 2012).

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) foi criado pela portaria nº 867 de 4 de julho de 2012. Tal programa é uma iniciativa do governo federal, pelo qual o Ministério da Educação e as secretarias estaduais, distrital e municipais de educação

reafirmam e ampliam o compromisso de alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental, aferindo os resultados por exame periódicos específicos.

Art. 5º: As ações do Pacto tem por objetivos:

I - garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do ensino fundamental;

II - reduzir a distorção idade-série na Educação Básica;

III - melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB);

IV - contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores;

V - construir propostas para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças nos três primeiros anos do ensino fundamental (BRASIL, 2012 p. 23).

Deste modo, os municípios que aderem as ações do Pacto, assumem o compromisso de alfabetizar todas as crianças em língua portuguesa e em matemática e realizar avaliações anuais universais, aplicadas pelo INEP, junto aos concluintes do 3º ano do ensino fundamental, fazendo o monitoramento da execução e rendimento do programa dentro das escolas. O Pacto contou com a adesão de 5240 municípios e dos 27 estados da federação<sup>2</sup>.

Em 2008, o Ministério de Educação, em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), lançou a Provinha Brasil, um instrumento de avaliação da alfabetização que tem o objetivo de possibilitar a realização de um diagnóstico do nível de alfabetização das crianças das redes públicas de ensino após um ano de escolaridade. Esta avaliação é um instrumento que tem a intenção de oferecer suporte e, parâmetros de análise aos professores quanto à aprendizagem no processo de alfabetização, permitindo o planejamento e realização de intervenções que propiciem avanços no processo de leitura e escrita.

Com o PNAIC surge mais um instrumento de avaliação: a ANA, Avaliação Nacional da Alfabetização, direcionada para unidades escolares e estudantes matriculados no 3º ano do ensino fundamental, fase final do ciclo de alfabetização. Tal avaliação tem como objetivo, produzir indicadores que contribuam para o processo de alfabetização nas escolas públicas brasileiras aferindo o nível de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa e alfabetização Matemática.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>> Acesso em: 16 Jan 2017.



A avaliação, no atual contexto das políticas educacionais, constitui-se de um dos elementos estruturantes para o PNAIC, o qual chama a responsabilidade do professor alfabetizador em “*pactuar*” não só uma forma de alfabetizar, mas também um projeto de homem e de sociedade.

As ações do Pacto apoiam-se em quatro principais eixos de atuação: formação continuada presencial para os professores alfabetizadores e seus orientadores de estudo; materiais didáticos, obras literárias e de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais, avaliações sistemáticas e gestão, mobilização e controle social.

A sua gestão é feita a partir de quatro instâncias: um Comitê Gestor Nacional; uma Coordenação Institucional em cada estado, uma Coordenação Estadual, responsável pela implementação e monitoramento das ações em sua rede e pelo apoio à implementação nos municípios; e uma Coordenação Municipal, responsável pela implementação e monitoramento das ações na sua rede. Além do sistema de monitoramento disponibilizado pelo MEC, o SisPacto, destinado a apoiar as redes e a assegurar a implementação de diferentes etapas do Pacto.

Os materiais didáticos e pedagógicos oferecidos pelo programa englobam conjuntos específicos para alfabetização, tais como: livros didáticos, obras pedagógicas complementares, jogos pedagógicos de apoio à alfabetização, obras de referência, de literatura e de pesquisa. Além de novos conteúdos para alfabetização, também foi previsto o aumento da quantidade de livros e jogos entregues às escolas, pois cada turma receberá um acervo, podendo criar uma biblioteca acessível a crianças e professores na própria sala de aula. O que é um ponto positivo, pois muitas escolas ainda tem carência deste tipo de material.

A formação acontece através de curso presencial para os professores alfabetizadores, sua metodologia é baseada no programa Pró-Letramento, que propõe estudos e atividades práticas. Os encontros com os professores alfabetizadores serão conduzidos por orientadores de estudo que são professores das redes, que passaram por um curso específico com 200 horas de duração, ministrado por universidades públicas.

No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, são desenvolvidas ações que contribuem para o debate acerca dos direitos de aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização; para os processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem das crianças; para o planejamento e avaliação das situações didáticas; para o conhecimento e uso

dos materiais distribuídos pelo Ministério da Educação, voltados para a melhoria da qualidade do ensino no ciclo de alfabetização.

#### **4. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS**

O presente estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa com enfoque etnográfico. A opção pela pesquisa etnográfica deve-se a necessidade de tentar compreender as situações práticas do contexto educacional, a partir do ponto de vista dos seus próprios agentes. O objetivo desse tipo de pesquisa é a descrição densa e a interpretação das ações e relações dos sujeitos na vida em coletividade.

Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos, manter um diário, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas, não são estas as coisas, as técnicas e os processos determinados, que determinam o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa [...] (GEERTZ, 1989, p.15).

Entre os instrumentos metodológicos incluem-se: observação participante, entrevista semi-estruturada, análise documental, produções do próprio grupo pesquisado, dentre outros. André (1995) destaca que o tempo de imersão do pesquisador no campo pesquisado, deve durar pelo menos um ano, para que o pesquisador possa compreender a cultura do grupo. No entanto, admite-se que, em um semestre letivo de imersão no campo, seria suficiente para a produção das informações que dariam origem aos dados da pesquisa. No caso da pesquisa realizada, um semestre foi insuficiente para a sua aplicabilidade, desde a primeira visita, a realização das entrevistas, até as visitas as escolas para coletar as atividades das crianças.

##### **4.1 O problema da pesquisa**

As escolas desde o início dos anos 2000, tem se transformado em campos de experiências descontínuas, todas atuantes diretas sobre a ação docente e desenvolvidas através da formação continuada dos professores. A maioria delas tem como foco a alfabetização dos alunos. Ocorre, no entanto, que os índices de analfabetismo persistem como negativos. O último programa posto em prática e que ainda está em voga é o PNAIC- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A questão que se coloca é: este programa é eficiente no

combate ao analfabetismo ou é apenas mais um no hall de experiências descontínuas formatadas pelo Ministério da Educação como macropolíticas e enviadas para os municípios?

## 4.2 Os objetivos da pesquisa

**Objetivo Geral** – analisar a eficiência do programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), enquanto macropolítica pública nacional de formação continuada que, direciona à prática dos professores alfabetizadores dentro do município de Dona Inês/PB.

**Questão** – O PNAIC é eficiente no combate ao analfabetismo ou é apenas mais um no hall de experiências descontínuas formatadas pelo Ministério da Educação como macropolíticas e enviadas para os municípios?

### Objetivos Específicos

1) Conhecer a formatação do programa.

**Questão** – Como o PNAIC foi formatado, quais as suas principais características e como funciona?

2) Analisar o PNAIC na concepção dos docentes.

**Questão** – Como os professores têm compreendido o PNAIC? E que concepções de ensino e aprendizagem resultam desta compreensão?

3) Verificar o resultado prático do PNAIC na alfabetização das crianças.

**Questão** – Os alunos, depois de submetidos ao ciclo de três anos no programa, são alfabetizados?

## 4.3 Contextos pesquisados

A pesquisa foi realizada em duas escolas, na Escola Municipal Mundo Encantado da Criança e na Escola Municipal Antônio Mariz, ambas pertencentes a rede municipal de ensino do município de Dona Inês, Paraíba.

A escolha das escolas se deu em função dos seguintes critérios: primeiro, por estas escolas possuírem salas de alfabetização que atuam com o programa e que atualmente completam um ciclo de três anos, uma vez que o município aderiu ao programa em 2013.

Segundo, porque as duas escolas possuem percursos consolidados de políticas de alfabetização educacional. O terceiro critério foi o interesse dos professores em participar do estudo. O número de alunos dessas duas escolas é da ordem de 253 alunos.

#### **4.4 Técnicas utilizadas**

##### **4.4.1 Observação participada**

Os conhecimentos práticos do professor só fazem sentido na própria prática, pois são definidos por suas ações. Por isso, um estudo sobre a eficiência de um programa que incide diretamente na prática do professor, precisa partir da observação do contexto em que este profissional atua, seja em atividade prática, seja em formação, pois é aí que tais conhecimentos emergem em sua utilização. A observação, portanto, representa a técnica que permite a análise da prática em sua situação. Como menciona Estrela (1992), “*as ações dos alunos e professores em situação de aula são apreendidas pela observação direta da aula*” (idem, p. 33), a observação também tem como objetivo “*fixar-se na situação na qual se produzem os comportamentos, a fim de se obter dados que possam garantir uma interpretação ‘situada’ desses comportamentos*” (idem, p. 33). Considera-se a observação das ações do professor como necessária na construção do método desta pesquisa, porque é através dela que, se poderá saber como este profissional manifesta suas ideias e valores sobre o assunto pesquisado.

Nesse sentido, optou-se pela observação de uma sequência ininterrupta de encontros de formação dos professores, critério de coleta de dados chamado por Estrela (1992) de critério de “*continuidade*”. Dessa forma evita-se o aparecimento de descontinuidades, visto que o processo educativo é ininterrupto por natureza. “*É registrando o ‘contínuo’ que se obtém a significação*” (ESTRELA, 1992, p. 33). Quanto ao tipo de observação, optou-se pela observação naturalista, que se baseia no princípio da acumulação, e não no da seletividade dos dados.

Quanto à forma de observação, considera-se a técnica de observação participada, elaborada por Estrela (1992), como a mais adequada. Diferente da observação participante, na qual, de certa forma, o observador participa na vida do grupo que está sendo estudado, “*a observação participada corresponde a uma observação em que o observador poderá*

*participar, de algum modo, na atividade do observado, mas sem deixar de representar o seu papel de observador e, conseqüentemente, sem perder o respectivo estatuto”* (ESTRELA, 1992, p. 39).

As observações serviram principalmente para possibilitar a realização das entrevistas semi-estruturadas e para a familiarização com o contexto social. Isso porque elas permitem que se tenha uma visão contextualizada do trabalho do professor, o que era fundamental no momento das entrevistas, e quais permitiram o acesso ao pensamento do professor.

#### **4.4.2 Entrevista semi-estruturada**

Rosa e Arnoldi (2006) explicam a entrevista como uma técnica de coleta de dados na forma de discussão orientada com um objetivo definido e que visa à obtenção por parte do entrevistador de dados relevantes para sua pesquisa. Szymanski, Almeida e Prandini (2004) caracterizam-na como uma situação típica de interação humana, devido à condição face a face, cuja trama se dá pela percepção um do outro e suas “*expectativas, sentimentos, preconceitos entre os protagonistas*”. A entrevista apresenta, para as autoras, esse caráter de objetividade e ao mesmo tempo, subjetividade. Segundo as mesmas, quem entrevista já chega com algumas informações e à busca de outras, e naturalmente, quem é entrevistado põe-se a conceber em cima de suas próprias expectativas e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando respostas para aquela situação.

A técnica de entrevista do tipo semi-estruturada foi utilizada por permitir que certas questões sejam aprofundadas, de acordo com a resposta do professor. Segundo Cunha (1989), a entrevista semi-estruturada permite “*captar ao máximo a fala do professor e, através dela, captar o sistema de valores, as representações e os símbolos próprios de uma cultura ou subcultura, inclusive as de conteúdo afetivo*” (CUNHA, 1989, p. 54).

## **5 OS RESULTADOS OBTIDOS**

### **5.1 Os dados estatísticos**

Como posto até agora, intenção dessa pesquisa foi a realização de uma análise do PNAIC enquanto macropolítica nacional e micropolítica municipal, na tentativa de perceber a

eficiência ou não de tal política no contexto educacional. Como exposto no decorrer do trabalho, há uma preocupação com essa transformação da escola em um campo de experiências descontínuas, que a cada momento, direcionam a prática docente provocando rupturas de concepções e de filosofias de trabalho. O objetivo foi a análise do programa focando em seus resultados práticos. Como se trata de um programa de alfabetização, a Psicogênese da Língua Escrita foi a base teórica utilizada para verificar o desenvolvimento dos alunos. Cabe ressaltar que, partimos da seguinte questão: *qual o reflexo do programa de formação continuada oferecido pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa no desenvolvimento da escrita dos alunos alfabetizando na cidade de Dona Inês, na Paraíba?*

O município adotou o programa no ano de 2013 a partir do termo de adesão assinado pela secretaria de educação da cidade. No primeiro ano da atuação do programa, a formação foi oferecida pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e nos anos seguintes pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Os encontros com os alfabetizadores acontecem aos sábados e tem duração de 8 horas, é realizado no centro de capacitação de professores local, onde também acontecem os encontros pedagógicos e os planejamentos semanais. Os cadernos de formação são enviados pelo MEC, e os demais materiais pedagógicos necessários, são disponibilizados pela secretaria de educação.

O acompanhamento da aprendizagem é feito pela secretaria de educação do município através de visitas periódicas as escolas. Além de realizar com os alunos as avaliações que o programa sugere, ao fim de cada bimestre, uma equipe da secretaria faz uma avaliação de leitura e escrita com cada aluno e coloca numa planilha (ANEXO A) como forma de acompanhar a progressão na aprendizagem dos alunos. Paralelo a isso, também realiza avaliações bimestrais elaboradas pela equipe pedagógica com os descritores da Provinha Brasil e as habilidades da ANA, para acompanhar os alunos do ciclo, posteriormente seus resultados são apresentados em um gráfico para comparação a cada aplicação. Além disso, a orientação dos professores é semanal e feita pela equipe da coordenação pedagógica acompanhando e tirando dúvidas na elaboração do plano de aula semanal e execução das atividades do PNAIC.

O município de Dona Inês está localizado no Curimataú paraibano e possui uma população de aproximadamente 10.419 habitantes segundo o IBGE<sup>3</sup>, e das 842 crianças

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/2505709>> Acesso em: 20 Jan 2017.

matriculadas na primeira fase do Ensino Fundamental da rede municipal, 474 estão no ciclo de alfabetização segundo o Censo Escolar de 2015<sup>4</sup>.

A ANA propõe uma forma de diagnosticar o nível de aprendizagem dos alunos, e seus resultados merecem ser analisados como forma de compreender a eficácia do programa que está sendo posto em prática. Analisar estas micropolíticas é o primeiro e grande caminho para a tomada de decisão nos municípios em relação ao redirecionamento de suas ações, uma vez que, é indiscutível a urgência de melhorar a qualidade do ensino nas séries iniciais.

Cabe aqui ressaltar que os índices de fracasso no município de Dona Inês recebem uma atenção diferenciada e minuciosa das escolas e da Secretaria da Educação que adotam as macropolíticas e as transformam em micropolíticas, como no caso do PNAIC. Para seu desenvolvimento são colocados à disposição especialistas e professores alfabetizadores no sentido de contribuir para o acompanhamento da aprendizagem dos alfabetizandos e de cumprir todas as etapas, desde a formação do docente à avaliação dos alunos. Como ponto de partida das análises, recorreremos ao gráfico do PNE<sup>5</sup>, que traz os dados do referido município em relação a alfabetização, conforme segue:

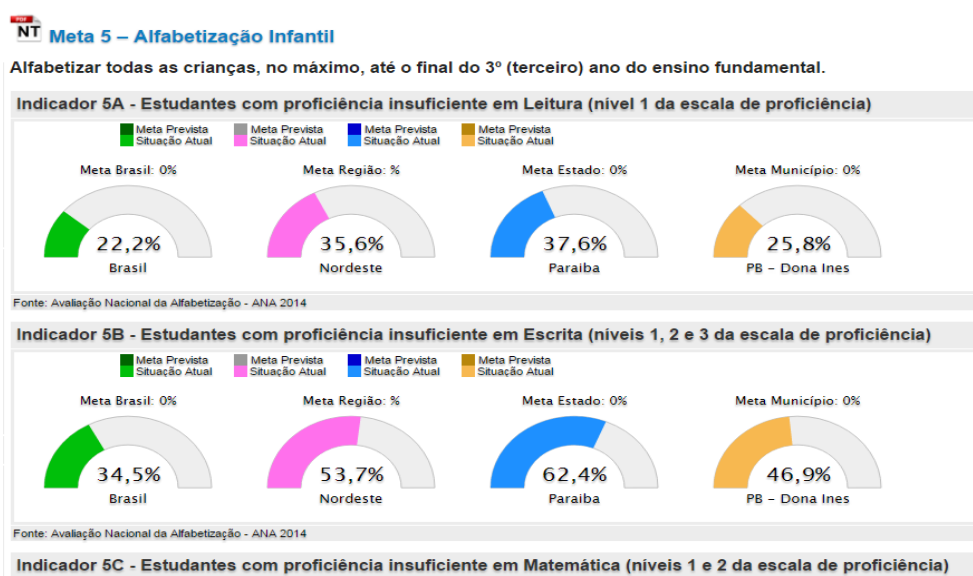


Imagem 13: Gráfico do Plano Nacional de Educação.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://matricula.educacenso.inep.gov.br/controller.php>> Acesso em: 20 Jan 2017.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://simec.mec.gov.br/pde/graficopne.php>> Acesso em: 20 Jan 2017.

Como visto na figura acima, a meta a ser cumprida no município de Dona Inês é bem alta. Estatisticamente, o município apresenta indicadores que evidenciam a gravidade do problema “analfabetismo”. A ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização) de 2014, aponta que aproximadamente 50% dos alunos apresentam proficiência insuficiente em escrita, o que se configura como um grande desafio para os próximos anos. Para mostrar mais detalhadamente a distribuição do percentual de alunos por nível de escrita na escala de proficiência, e para conferir se houve evolução nestes níveis, vejamos a seguir as figuras das avaliações de 2013 e 2014 da ANA do município<sup>6</sup> que serve como comparativo para análise.

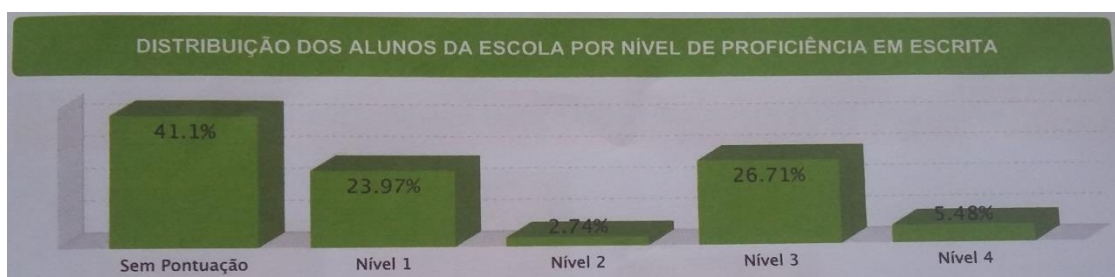


Imagem 14: Gráfico com os resultados da ANA 2013 na Escola Municipal Mundo Encantado da Criança.

Como podemos ver acima, no primeiro ano de aplicação da prova em 2013, o percentual de alunos que não obtiveram pontuação significativa foi bastante elevado. Isso revela a deficiência na aprendizagem destes alunos que estão saindo do ciclo de alfabetização sem terem alcançado os direitos de aprendizagem necessários para que sejam considerados proficientes e, tornem-se uma pessoa letrada.

Paralelo a isso, aproximadamente 50% dos alunos estão concentrados nos níveis 1, 2 e 3 da escala de proficiência, e pelo fato de se tratar de uma turma de 3º ano, subtende-se que a maioria destes estudantes deveria estar no nível 4, ou seja, escrevendo ortograficamente e dominando as convenções de escrita. Logo, estes tiveram participação de apenas um ano dentro do programa, significa dizer que são dados reais da realidade escolar até a chegada do PNAIC. Agora, vejamos os dados da Ana de 2014:

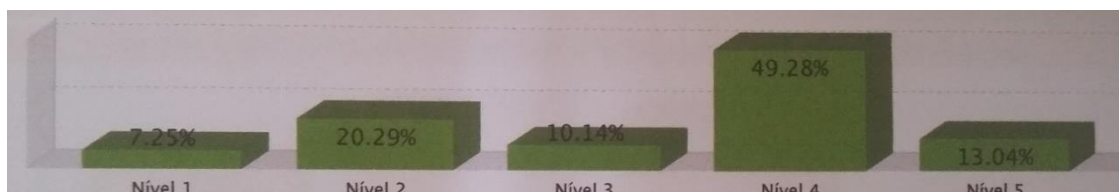


Imagem15: Gráfico com os resultados da ANA 2014 na Escola Municipal Mundo Encantado da Criança.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://ana.inep.gov.br/ANA/>> Acesso em: 30 Jan 2017.



Em comparativo com a ANA de 2014, podemos notar um aumento significativo de estudantes que passaram do nível 1 para os níveis 2 e 4, isso significa que houve uma progressão na aprendizagem, porém, o nível 5 manteve-se sem grandes aumentos. Diante destes dados percebemos que houve uma evolução. O trabalho pautado na metodologia do PNAIC trouxe avanços, ainda que discretos, no desempenho dos educandos inseridos no segundo ano do programa. Cabe aqui ressaltar que, as turmas de primeiro ano que entraram no programa em 2013, no município, estariam completando o ciclo em 2015, ou seja, estes alunos estariam finalizando o terceiro ano, sendo este o momento oportuno de avaliar estes discentes e verificar se houve elevação dos índices, no entanto a aplicação da edição 2015 da ANA pelo INEP foi suspensa, gerando esta ausência de dados. Os resultados estatísticos da avaliação de 2016 não foram ainda publicados pelo instituto.

## **5.2 A observação participada**

Durante o período de pesquisa, foram várias idas às escolas campo e participação nas formações do PNAIC. Neste processo foi possível apreender através da observação, alguns fatores aqui elencados:

Mesmo com todo o cuidado que o município tem em realizar um bom trabalho, há questões que fogem da proposta do PNAIC, a exemplo das mudanças de turma de alguns professores. Essa mudança ocorre porque ao final de cada ano alguns professores mudam de escola, outros que são contratados deixam o quadro para admissão de novos docentes, enfim, o que acontece é que alguns cursistas não permanecem na formação, outros entram quando já está em andamento. Vejo isso como uma situação complicada, pois não há como realizar a retomada desde o principio por parte dos que chegam. Também foi possível perceber que, pela maior parte do grupo o programa foi bem aceito, mais ainda sim existe grande resistência por parte de alguns docentes que temem abandonar métodos tradicionais e adotar novas práticas.

Não há também um acompanhamento sistemático dos alunos desde o primeiro até o terceiro ano que permita monitorar o seu desempenho, a exemplo de portfólios. O que há são as avaliações periódicas, realizadas pela secretaria da educação, e também acontecem as avaliações externas do ministério da educação (larga escala). Essa ausência de acompanhamento e documentos individuais arquivados dos alunos por escola, durante todo o ciclo (como os diagnósticos iniciais e finais), prejudicou inclusive o andamento desta pesquisa, que tinha a intenção inicial de analisar amostras de escrita de cada criança no início, no meio e

no final do ciclo. Neste tocante, as escritas analisadas foram apenas as do final do processo, conforme veremos adiante.

### 5.3 O resultado das entrevistas semi-estruturadas

Para a realização da entrevista foram elaboradas cinco questões abertas, as quais serão postas a seguir, junto com as respostas e respectivas análises. Cabe ressaltar que para preservar a identidade dos docentes entrevistados, adotamos um número para cada um.

#### **Questão 1: Qual a sua impressão sobre o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)?**

O objetivo desta questão é, tentar buscar um posicionamento crítico do docente em relação ao programa. No entanto, é possível observar a ausência da criticidade esperada, uma vez que os professores adotam a cada momento um programa diferente, como já visto anteriormente, como meio de salvação da educação, dando-lhe caráter redentor, como pode ser observados nas falas abaixo:

**P1:** “Vejo o mesmo como facilitador da aprendizagem para os nossos alunos, e um organizador de metodologia para os professores, apresentando, construindo, aplicando, avaliando e cobrando ações de aprendizagem para os nossos docentes e discentes de forma eficaz e prazerosa”.

**P2:** “Uma metodologia rica, porém é necessário que adaptemos à nossa realidade”.

**P3:** “O programa contribui em muito para o processo de alfabetização através de sua metodologia”.

Para o professor 1 (P1), o programa funciona quase como um substituto dos docentes, uma vez que ele o toma como aquele que organiza, facilita, constrói, aplica e avalia, como podemos observar em sua fala. Neste sentido é possível afirmar que o professor não consegue tomar posse do programa e utilizá-lo como meio de organização própria em sua ação docente particular. Talvez por isso seja tão recorrente no município a fala de que o “*PNAIC toma muito o tempo do professor*”. Levanta-se aqui a hipótese de que a ação docente continua a mesma de antes, com determinados fragmentos de tempo voltados para a execução do referido programa.

Esse distanciamento entre os reais objetivos do PNAIC e a prática docente, também pode ser observado na fala do professor 2 (P2), a qual ainda é muito evasiva. Apesar de estar adotando o programa há mais de três anos, não há ainda um posicionamento formado sobre o

programa, e ainda deixa clara uma lacuna existente entre a política adotada e a realidade local. Não conseguiu, no entanto, deixar clara qual era essa lacuna.

A professora 3 (P3), parece ser a mais intimista e otimista em relação ao programa, uma vez que afirma que o mesmo é muito importante para o processo de alfabetização. No entanto deixa clara em sua fala a importância dada a metodologia. Sabendo que o PNAIC, envolve também uma nova concepção de sociedade e de mundo, é curioso o fato de que o professor continue com o olhar tão voltado para o método (como se ensina), já que toda concepção de ensino tem cunho construtivista e propõe como base o olhar para a criança (como se aprende); como foi possível ver na leitura da psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro.

### **Questão 2: Como você descreve sua experiência e atuação nas formações do PNAIC?**

O objetivo desta questão é analisar o processo pelo qual passa o professor durante sua formação. Como se dá a sua participação, qual a periodicidade da formação em Dona Inês e suas principais conquistas ou entraves. No entanto, mais uma vez as respostas foram evasivas e muito sucintas, mas merecem algumas considerações. Seguem as respostas:

**P1:** “Boa. Procurei e procuro sempre atuar da melhor forma positiva no curso (aulas presenciais) e nas atividades teóricas e praticas também”.

**P2:** “De forma positiva. Com essa metodologia aprendi bastante, aprofundando os meus conhecimentos, melhorando a minha atuação enquanto professora”.

**P3:** “Tento aproveitar ao máximo as formações do PNAIC e executar todas as experiências exitosas em minha sala de aula”.

Embora a questão tenha sido direcionada às experiências do docente durante a formação, o professor apresenta um posicionamento que mais parece uma auto defesa. Isso está bem claro na fala do Professor 1, que se limita em afirmar o quanto procura atuar de maneira positiva no curso e na sala de aula. Não há nenhum indicativo sobre sua experiência prática no decorrer do curso.

A fala do Professor 2, reflete a ideia de mero executor de receitas prontas. Mesmo diante de um programa que exige posicionamento crítico e a análise da situação real de cada aluno para proceder o planejamento, há uma necessidade de participar do encontro, prestar atenção na metodologia utilizada e executar “*tal e qual*” na sala de aula.

A fala do professor 3, reflete a busca por um modelo de ensino, prática esta que contradiz a filosofia do PNAIC. Esse programa em sua essência, tenta formar professores

autônomos, que saibam pesquisar sobre as necessidades de cada aluno. Neste sentido, traz algumas experiências para serem analisadas e não para serem tomadas como modelos de execução. A análise mostra que a professora não conseguiu compreender, uma vez que ela afirma a necessidade de “*executar todas as experiências exitosas em sala de aula*”.

**Questão 3: Você considera o programa eficaz? A sua metodologia é de fácil aplicação? Justifique:**

O objetivo desta questão é fazer uma análise da compreensão do professor sobre a metodologia proposta pelo programa. Como visto anteriormente, o programa exige o conhecimento dos alunos, do que eles sabem ou não, para partir para o que eles precisam aprender. Exige também uma leitura de cada contexto social e a utilização de atividades que preparem os alunos para a compreensão da leitura como instrumentos de intervenção em seu cotidiano. A questão vem tentar esclarecer, como o professor se vê diante da necessidade de trazer o social para a escola e trabalhar diante deste novo contexto. As respostas captadas não foram suficientes para atingir o objetivo traçado. Seguem:

**P1:** “Sim. É eficaz! Acredito que sim, com uma ressalva: ele tem que ser aplicado por alguém que convive com a metodologia e vivencia com entusiasmo, amor e dedicação. Aceitando as atividades como desafio, inovando e fazendo da sala de aula o melhor lugar do mundo para o aluno aprender, evoluir e crescer de forma consolidada”.

**P2:** “Sim! Bastante eficaz! Quanto a sua aplicação, depende bastante do interesse e da forma que o professor irá passar. Quando passa da forma correta, os resultados são bastante eficazes”.

**P3:** “O PNAIC é um programa eficaz devido sua metodologia estar diretamente ligada a realidade do aluno, sendo de fácil execução”.

Temos aqui uma contradição entre as falas dos professores 1 e 3. Enquanto o primeiro ressalta a dificuldade de trabalhar com o PNAIC, por ter que levar em conta a realidade do aluno, o último alega que é de fácil execução pelo mesmo motivo. O professor 1, no entanto, busca elencar algumas pré-disposições do professor para que se consiga trabalhar com a metodologia do programa, tais como: entusiasmo, amor e dedicação. Admite-se que é um desafio e que precisa transformar também a sala de aula, tornando-a enquanto espaço, mais agradável para os alunos.

A fala do professor 2, contradiz totalmente a concepção do programa. Se o PNAIC traz em sua formatação a necessidade de formação de um leitor proficiente, que exigirá uma formação que lhe coloque como sujeito do processo; o referido professor traz consigo a ideia de repasse de conteúdo. Daí afirma que, se o professor “*passar direito os conteúdos*” os resultados serão eficazes.

**Questão 4: As formações do PNAIC contribuíram para a sua formação enquanto professor alfabetizador? De que maneira?**

O objetivo desta questão é, compreender o que ficou do programa no docente após um ciclo fechado: concepções, postura docente, planejamento, forma de acompanhamento e avaliação dos alunos, dentre outros. Mas uma vez as respostas foram evasivas, o que indica a pouca contribuição do programa. Não foi possível notar firmeza e mesmo captar indicadores, que mostrem um diferencial em relação a ser professor alfabetizador na fala dos docentes. Analisaremos as falas a seguir:

**P1:** “Sim. E muito! As formações me acenderam à vontade de criar, recriar na sala de aula com base no que e aprofundado nas capacitações”.

**P2:** “Com certeza! Ampliou meus conhecimentos, possibilitando um leque de possíveis caminhos para obter bons resultados com os educandos”.

**P3:** “As formações contribuíam diretamente na minha formação vindo a enriquecer minhas práticas em sala de aula”.

O professor 1, traz em sua fala um dado curioso: “*As formações me acenderam à vontade de criar, recriar na sala de aula com base no que e aprofundado nas capacitações*”. Levando em conta os inúmeros programas e projetos enquanto macropolíticas, que já foram implantados no município de Dona Inês, resta perguntar-se porque os demais não conseguiram ascender essa vontade, se há uma compatibilidade entre esses e o atual. A metodologia é parecida, e a concepção subjacente, também.

O mesmo foi dito pelo professor 2, qual afirmou que o programa ampliou seus conhecimentos, possibilitando um leque de possíveis caminhos para obter bons resultados com os educandos; e pelo professor 3, que acentuou que as formações contribuíam diretamente para a sua formação, vindo a enriquecer suas práticas em sala de aula. Não houve um detalhamento dos conhecimentos que foram acrescentados, nem dos caminhos que foram apontados pelo programa.

**Questão 5: Você percebe alguma diferença entre como você alfabetizava antes do PNAIC e hoje? Quais foram as principais mudanças observadas na sua prática?**

Essa questão foi colocada com o objetivo de fazer um comparativo entre o PNAIC e os outros programas pelos quais estes professores já passaram. Trata-se de uma forma de instigar o professor, a detalhar mais a sua prática em relação ao programa de formação. O objetivo é, compreender o que há na prática do professor, que é resultante das propostas governamentais detalhadas na micropolítica, que facilita e/ou mesmo contribui na aprendizagem do aluno em fase de alfabetização, para a garantia do encerramento do processo após um ciclo de três anos. Seguem as respostas e posterior análise:

**P1:** “Sim. Mudanças mais corretivas. Porém, vejo que o PNAIC tem um método muito certinho, detalhes até demais. E nossa vida de professor é muitas cobranças daqui e dali... Muito trabalho por sinal, e o PNAIC exige isto, então é muita sobrecarga para o professor. Este ano, por exemplo, foi bem corrido, muitas atividades extras, cobranças inúmeras, além do que o professor possa alcançar. Eu, por exemplo, semanalmente trabalho quarenta horas diretamente com meus alunos. E tenho que dar conta de planejamento para os mesmos, projetos extras da escola, outros projetos da secretaria da educação para execução da escola, reuniões extras, correções de atividades dos alunos, acompanhamento individual... Aí o PNAIC vem com novo formulário 2016 de acompanhamento um tanto minucioso, detalhes... interessantes? Sim. Ferramenta para o professor que já vive com sobrecarga. É bem complicado. O mais: A prática do professor é inovada e compartilhada, isto é muito positivo com o PNAIC. E a educação, de uma forma geral ganha em qualidade”.

**P2:** “Sim. Antes do PNAIC utilizava muito o método tradicional, pois julgava mais eficaz. Após o PNAIC percebi que existem outras formas também eficazes que quando aplicadas da maneira correta, os resultados são perceptíveis e bastante satisfatórios”.

**P3:** “Não tenho como fazer um comparativo porque meu contato com a alfabetização se deu na formação do PNAIC”.

O professor 1, inicia alertando sobre o caráter minucioso do PNAIC, nomeando-o de “*certinho*” e cheio de detalhes. Faz um comparativo deste com a profissão docente, ressaltando a sobrecarga que este profissional enfrenta diariamente. E nesta sobrecarga elencada, acaba deixando claro que o programa não imprime uma nova concepção de ensino que pode ser utilizada nas mais diferentes ações desenvolvidas pela escola. É como se o PNAIC funcionasse como apêndice, não servindo para embasar as demais atividades.

O resultado disso é a produção de uma colcha de retalhos, onde há uma hora para tudo: uma hora para o PNAIC, uma hora para o projeto coletivo da escola, uma hora para o projeto da secretaria da educação, e assim por diante. O problema de tudo isso é que a escola acaba se tornando um espaço de diferentes experiências, quais não estabelecem conexão entre si. Cada

experiência com sua carga teórica, filosófica, com sua concepção de ensinamentos diferentes. Dá pra perceber na fala da docente a angústia que sente diante de tal quadro, uma vez que, a sobrecarga resultante de tudo isso impede um melhor desempenho.

O professor 2, traz duas informações importantes: a primeira delas é que antes do PNAIC utilizava o método tradicional, o que faz novamente pensar sobre programas que já foram desenvolvidos por anos no município, e cuja fundamentação teórica e concepção de ensino é construtivista. A impressão que dá é a de que os programas anteriores surtiram o efeito esperado nos docentes, o que põe em dúvida a validade das macropolíticas, enquanto programas sem continuidade. A segunda informação importante diz respeito à postura deste profissional que já está há um ciclo inteiro no PNAIC e, ainda admite o método tradicional como também eficaz, assim como o método do programa, fica nítida a resistência ao abandono dos métodos tradicionais por parte de alguns docentes como dito anteriormente.

O professor 3, não fez comentários, uma vez que não tinha experiência profissional com alfabetização antes de participar do PNAIC.

#### **5.4 O resultado da análise das escritas**

Na tentativa de alcançar o objetivo desta pesquisa, que trata da análise dos resultados de um ciclo do PNAIC concluído no município de Dona Inês /PB, seguem exemplos de escrita das crianças de uma turma do 3º ano do ensino fundamental do referido município. Tais amostras serão analisadas para responder a seguinte questão: *o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa tem efeito positivo no município?* A opção por analisar as escritas das crianças se deve ao fato de que tais escritas são capazes de servir como indicativo fiel de sua hipótese de escrita. Para analisar, utilizaremos as ideias validadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky na Psicogênese da Língua Escrita, conforme dito no início deste trabalho.

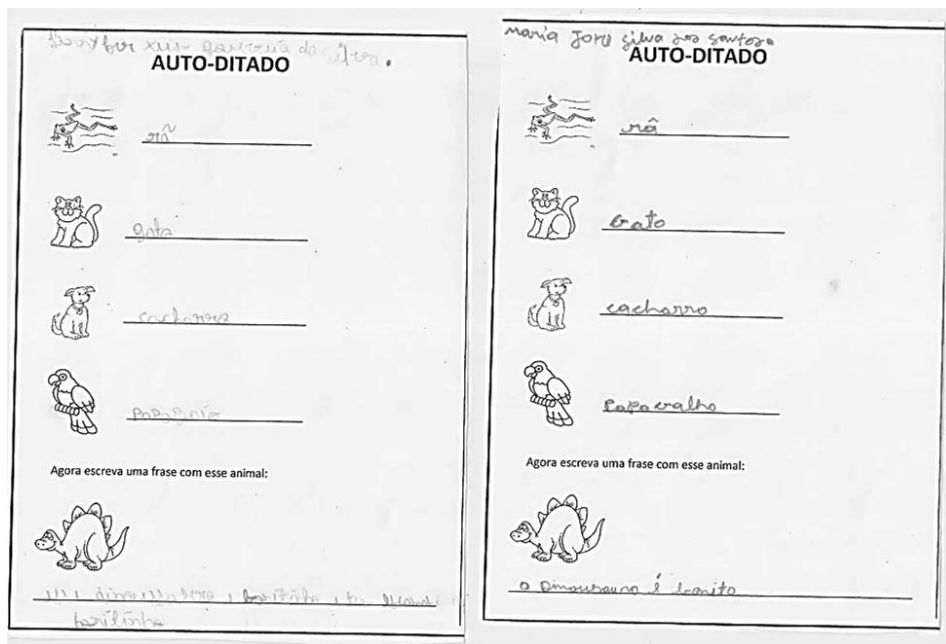


Imagem 16: Escrita de Jhenyfer e Maria Joyce.

As duas primeiras escritas analisadas são dos alunos Jennyfer e Maria Joyce. Como visto, os dois estão na hipótese que Ferreiro e Teberosky chamam de alfabética, ou seja, elas já escrevem convencionalmente e conseguem escrever com êxito os nomes dos animais. Pode-se afirmar, no entanto, que elas são alfabéticas, mas não são ortográficas. Isto porque não conseguem ainda utilizar a escrita de forma satisfatória. A escrita da frase, conduz a conclusão de que os alunos são submetidos à leitura de textos sem função social. Assim, as frases são “pobres” em conteúdo, o que demonstra a pouca capacidade de formulação de frases mais complexas e interessantes.

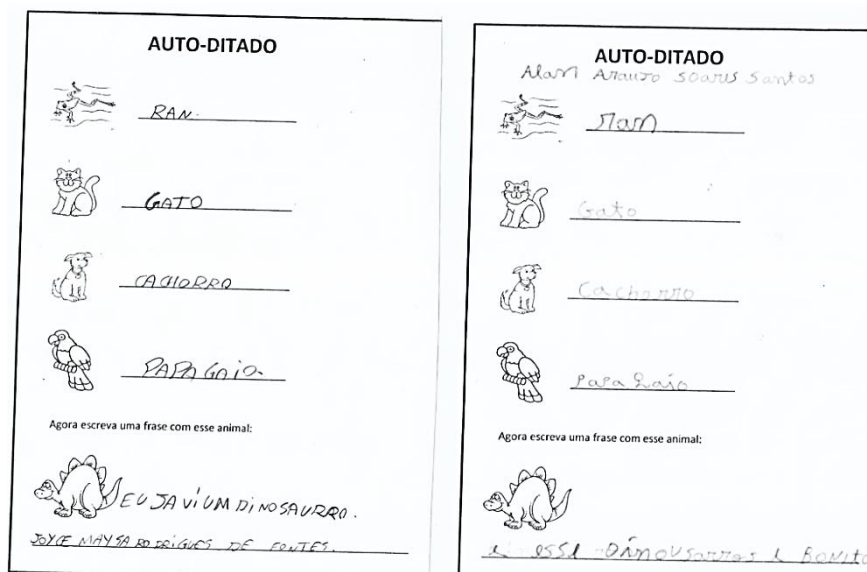


Imagem 17: Escrita de Joyce Maysa e Alan.



O mesmo é possível afirmar sobre a escrita das crianças acima. As duas são alfabéticas, porém, encontram dificuldades em formular frases complexas. A criança (Joyce) ainda escreve em caixa alta, o que facilita na identificação das letras a serem utilizadas (uma vez que o formato da letra em caixa é permanente, diferentemente da manuscrita que depende do escritor). A criança (Alan) já utiliza a letra cursiva ou manuscrita. Algumas coisas são necessárias pontuar: Alan não sabe que a frase deve ser iniciada com letra maiúscula, nem sabe que é necessário acentuar o É da frase. Percebemos também a não utilização correta do til (~) e ainda a hipercorreção da palavra DINOSSAURO, quando um escreve DINOSSAURRO e o outro escreve DINOUSARROS. Conclui-se aqui que tais alunos estão ainda em transição do período alfabético para o ortográfico, mas ainda não são usuários proficientes da língua como prioriza o programa.



Imagem 18: Escrita de Ana Michelle e Thaís.

As crianças (Ana Michelle) e (Thaís) também estão no nível alfabético. Cabe aqui ressaltar que Ana Michelle escreve convencionalmente, embora não tenha ainda alguns conhecimentos ortográficos, tais como: utilizar dois "R" entre as vogais e iniciar frases com

letras maiúsculas. A frase criada, assim como as das demais crianças, é muito sintética e pouco complexa, comum de quem não compreende a escrita como tradutora de ideias. Thais apresenta ainda mais dificuldades. Podemos observar na escrita da palavra “rã”, que ela também não tem conhecimento sobre o uso do til (~), assim como não sabe da utilização do CH (“cachorro”). Comete ainda erro na escrita da palavra “ARARA”, na qual escreve “ARALHA”. Talvez esta escrita tenha sido resultado da ideia ainda não superada de que numa mesma palavra não dá para repetir as letras. A análise conduz à mesma percepção das escritas anteriores: as crianças decodificam, escrevem frases curtas próprias dos livros didáticos e apresentam baixa proficiência em escrita.



Imagem 19: Escrita de Valterdes e Vitor.

A escrita de Valterdes é típica de uma criança que ainda não respondeu sequer a primeira pergunta para se alfabetizar: *O que a escrita representa?* Ele ainda não sabe que a escrita representa a fala, pois não faz correspondência termo a termo, ou seja, uma letra para cada unidade fonética. A escrita da palavra “GATO”, talvez tenha sido transcrição pelo

trabalho de outra criança, ou mesmo a utilização de uma palavra memorizada depois de um treinamento excessivo. O mesmo em relação a palavra “RÃ”. As demais palavras e frases retratam bem a hipótese de escrita do aluno. Utiliza garatujas que imitam a letra cursiva, talvez por ser a letra que ele mais tem acesso. Ele faz uma diferenciação clara nas palavras cachorro e papagaio. A palavra cachorro, é escrita com mais letras talvez pela ideia comum de quem está na hipótese pré-silábica, de que, coisas maiores escrevem com mais letras.

Já a escrita de Vitor, demonstra um nível de conhecimento regular. Escreve convencionalmente e já cria frases mais complexas, recorrendo à inferência de conhecimentos de mundo que ele tem sobre o animal dinossauro. Por isso ele afirma que o animal é “grandão” e “carnívoro”. Talvez por influencia dos filmes que colocam no animal citado um status de assustador. Destas duas escritas é possível concluir que o Vitor está caminhando bem para o nível ortográfico e apresenta uma boa proficiência em escrita.

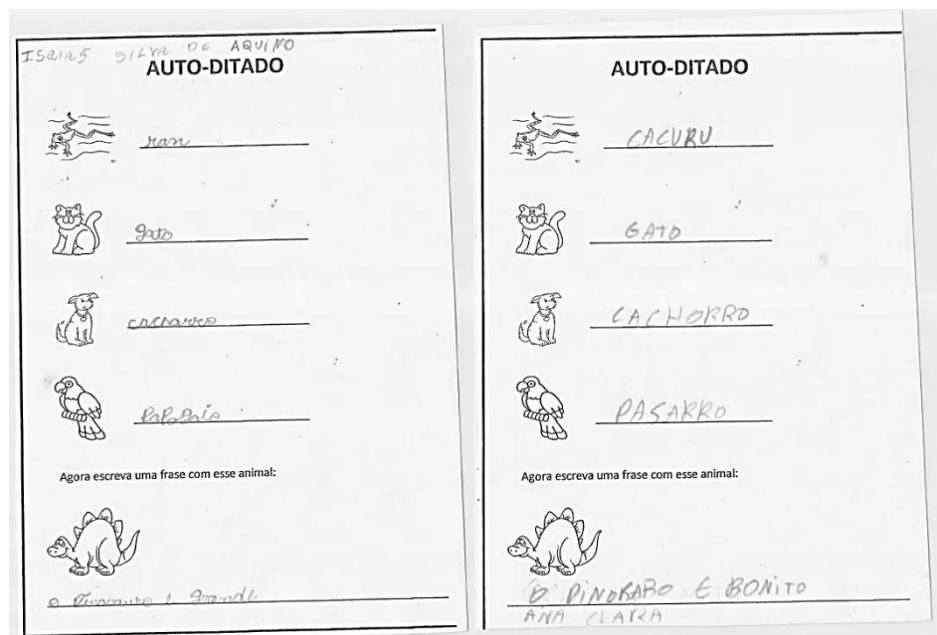


Imagem 20: Escrita de Isaias e Ana Clara.

A escrita de Ana Clara também é própria de uma criança que está na hipótese alfabética, porém, ainda não ortográfica. O nome “RÃ” foi substituído por uma tentativa de escrever “CURURU”, nome dado ao sapo em algumas comunidades. Só que ela escreveu “CACURU”. Talvez para não repetir sílabas. Em pássaro ela fez uma hipercorreção, ou seja, escreveu “PASARRO”. A palavra dinossauro foi escrita “DINOSARO”, o que também representa ainda uma deficiência da criança em representar todos os sons fonéticos. A frase

curta representa a pouca proficiência em língua portuguesa e, a incapacidade de mobilizar conhecimentos externos sobre o animal para criar frases mais complexas.

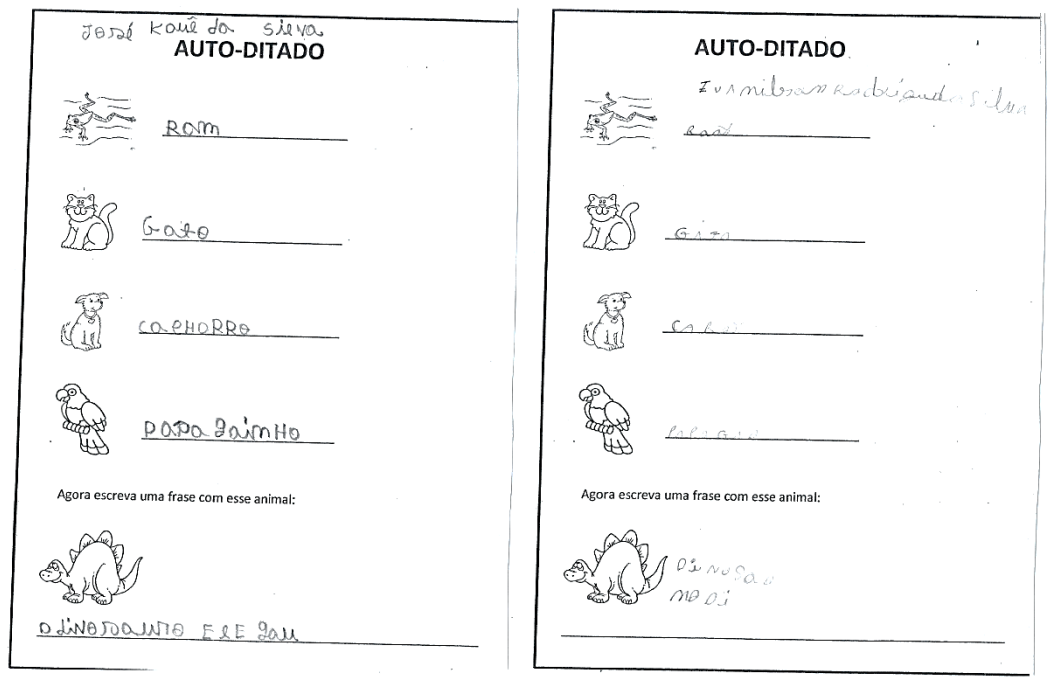


Imagem 21: Escrita de José Kauê e Ivanilson.

A escrita de Kauê é típica de uma criança que está o tempo todo preocupada com sua escrita e pensando sobre a mesma. Escreve em letras caixa alta e minúsculas misturadas, e faz aquilo que se chama de hipercorreções. A palavra “RÃ”, ele escreve “RAM”, assim como outros alunos, o que significa a ausência de trabalho com o til (~). Em “PAPAGAIO” acontece a hipercorreção. Talvez esta seja resultado de uma soletração individual e minuciosa da palavra. A frase criada apresenta algumas particularidades: “DINOSSAURO” escrito “DINO SAURO”, e “É LEGAL” escrito “ELE GAU”.

Hipercorreção é um fenômeno que se caracteriza pela correção excessiva, ou melhor, aplicada a contextos em que não cabe. As razões para corrigir algo podem ser diversas. Em geral, têm a ver com optar por uma forma socialmente valorizada ou pela influencia dos conhecimentos prévios de alguém.

Já a escrita de Ivanilson, apresenta as seguintes informações: ele está na hipótese silábico alfabética. Ora escreve convencionalmente, ora escreve silabicamente. Percebemos bem a transição de hipóteses ao observarmos algumas pistas: a palavra “RÃ” o aluno escreve “RAÃO”, o que conduz a impressão de que ele ainda não aceita que com poucas letras esteja escrito um nome. Então ele acrescenta letras. A palavra “GATO” parece ter sido bem trabalhada pela professora através de treinos ortográficos e exercícios de fixação. Trata-se apenas de uma mera transcrição. Na palavra “CACHORRO” o aluno escreveu “CARÕO”. Aparentemente ele escreveu “CA” para “CA”, “R” para “CHO” e “ÕO” para “RO”. Apesar de não dar para decifrar a sua frase, dá para perceber o esforço feito pelo aluno que conseguiu representar ainda a palavra dinossauro. Este aluno ainda não está alfabetizado.

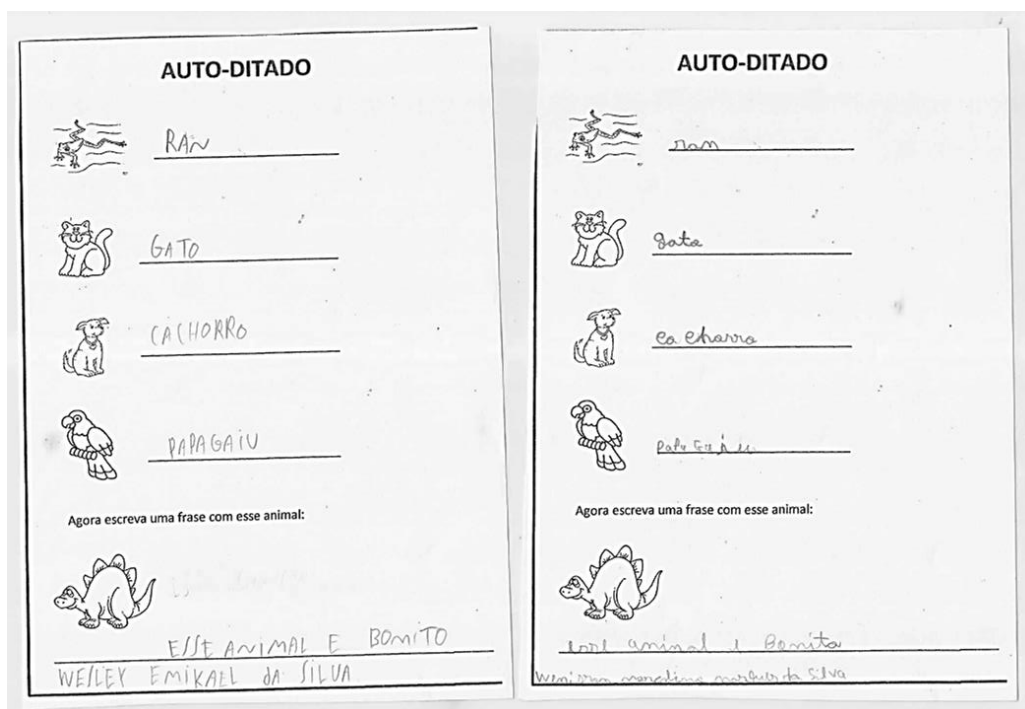


Imagem 22: Escrita de José Wesley e Wenisson.

A escrita de Wesley, não é diferente de outras já analisadas. Trata de uma escrita alfabética, com alguns erros de ortografia que ainda devem ser trabalhados a exemplo de “RÃ” x “RAN”. No entanto, apesar de ser alfabético, ele não consegue escrever frases interessantes e que reflitam o seu conhecimento de mundo sobre o referido animal. O mesmo acontece com Wenisson, cuja escrita, curiosamente apresenta as mesmas especificidades da escrita de Wesley. Ambos apresentam baixa proficiência em língua portuguesa.

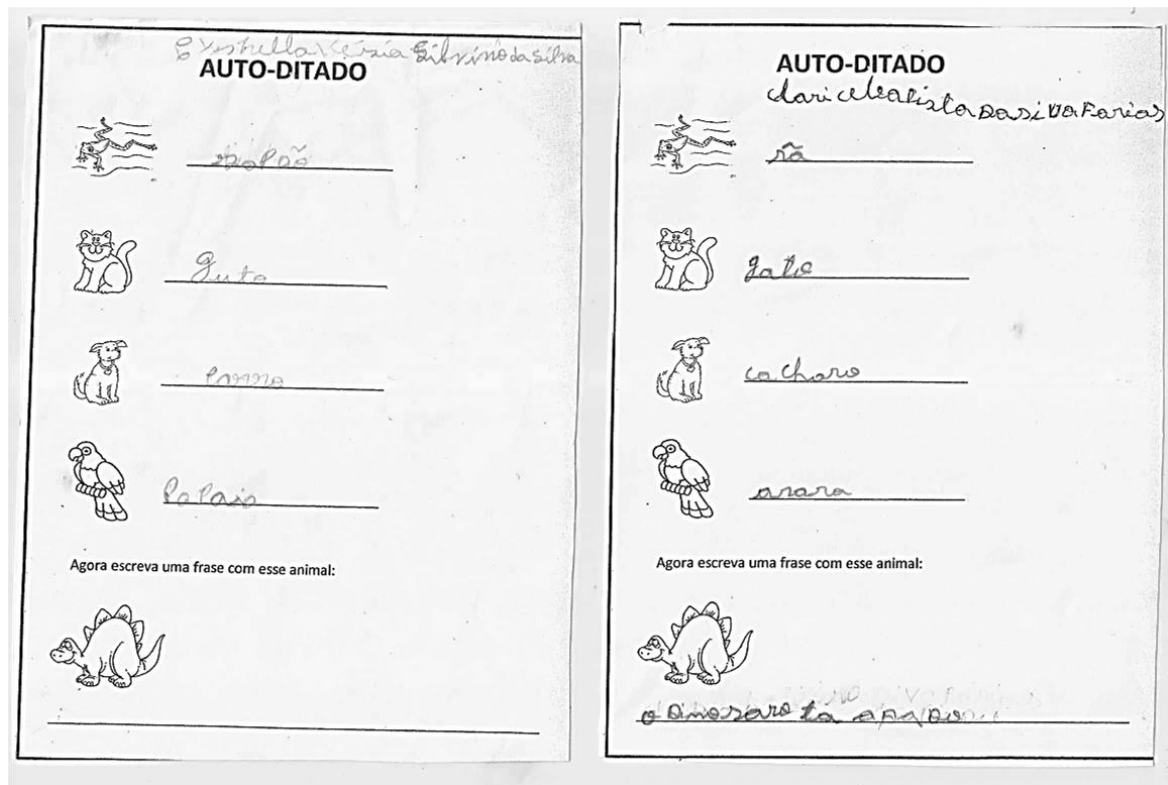


Imagem 23: Escrita de Eyshella e Clarice.

A escrita de Eyshella é própria de uma criança submetida a atividades de treinamento e repetição. A palavra “RÃ” é substituída por “SOPÃO”, que na realidade quis escrever “SAPÃO”. A palavra “GATO” ela escreve “GUTO”, a palavra “CACHORRO” ela escreve “CARRO” e a palavra “PAPAGAIO” ela escreve “PAPAIÓ”. Na realidade, percebe-se que a aluna busca no seu arquivo mental o resgate de palavras que tem armazenadas para reutilização. Como esse processo resulta puramente da tentativa de adequar a palavra armazenada ao que se pede no exercício, alguns erros acabam sendo cometidos. A frase não foi escrita, o que mostra que tal criança tem uma grande resistência a pensar sobre como se escreve.

Já a aluna Clarice, demonstra estar na hipótese alfabética. Escreve as palavras convencionalmente, no entanto, na escrita da frase há um indicativo de que ela não é ortográfica, ou seja, ainda não sabe representar ortograficamente uma ideia.



Imagem 24: Escrita de Kayo Douglas e Júlio César.

As duas últimas escritas de Kayo e Julio Cesar são bem compatíveis. Os dois são ortográficos, tem uma boa decodificação, cometem poucos erros ortográficos, porém escrevem frases curtas e pouco complexas. Não conseguem ainda mobilizar as ideias de mundo sobre determinada coisa e utilizar a escrita como meio de representação de tais ideias. São, portanto, alfabéticos e não ortográficos, apresentando pouca proficiência em língua portuguesa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final desta pesquisa concluímos que o PNAIC enquanto macropolítica nacional de combate ao analfabetismo, tem um grande potencial para atingir a sua meta, uma vez que, oferece um grande suporte teórico, filosófico e de materiais. Trata-se de um projeto bem formatado que oferece formação para os professores, e indicam meios práticos para a definição da ação docente.

Esse projeto se difere dos demais em seu formato, pois deixa de ser uma experiência aligeirada quando estabelece o prazo de execução em no mínimo três anos, tempo necessário para a conclusão de um ciclo. Difere-se dos demais também em relação à descontinuidade, visto que, mesmo após o encerramento do primeiro ciclo, o programa encontra-se em fase de desenvolvimento. É preciso ressaltar que agora, em fase de escrita dos resultados da pesquisa, foi divulgada pelo Governo da Paraíba, a elaboração do SOMA (Pacto pela Aprendizagem na Paraíba) um programa com formatação própria e materiais específicos, que tem a finalidade de fazer com que os municípios atinjam as metas da alfabetização na idade certa, ou seja, será posto em prática como complementação do PNAIC, o que significa que tal programa se consolidará ainda mais nos municípios.

As idas às escolas e participação nas formações do programa foram importantes, pois foi possível perceber que, apesar dos cuidados da rede municipal de ensino em relação ao PNAIC, algumas coisas têm interferido no desenvolvimento pleno do projeto, a saber que há a descontinuidade de alguns docentes como membros do programa; a inserção de novos membros no meio do processo; e a ausência de um sistema de monitoramento permanente do desempenho dos alunos, a exemplo do portfólio individual que facilitaria o acompanhamento destes discentes.

Se retomarmos as falas dos docentes, é preciso elencar alguns entraves que devem ser avaliados no referido município, de modo a contribuir para a melhoria da execução, e como consequência, dos resultados locais. São eles:

1. É necessário ainda que os professores compreendam o programa como uma proposta que fornece ideias e subsídios teóricos que podem e devem ser confrontados com a realidade local. Desta forma, haveria a superação do pensamento de obrigatoriedade de reprodução. Assim, a angústia presenciada nas falas de alguns docentes que não



conseguem a transposição dessas ideias devido ao choque com a realidade local, seria também superada;

2. Percebe-se ainda uma grande influência da prática tradicionalista que deve ser trabalhada. Preocupa o fato de um professor falar ainda em repasse de conteúdos, sendo parte do grupo que trabalha com o PNAIC, cuja propositura é totalmente construtivista;
3. Outro fator preocupante é que, parece que ao se concluir um programa e iniciar outro, alguns professores desconsideram totalmente o que foi trabalhado no anterior, o que demonstra uma espécie de dependência em relação aos programas.

Em relação às escritas das crianças, é possível afirmar que o programa contribui para a alfabetização uma vez que quase 100% dos alunos que compuseram a amostra encontram-se no que Ferreiro e Teberosky chamam de hipótese alfabética. No entanto algumas conclusões precisam ser postas:

1. Os alunos estão alfabéticos, no entanto, produzem frases curtas e pobres em informação, o que demonstra a influência do ensino tradicional e a pouca proficiência em escrita, ou seja, conseguem decodificar e escrever palavras e frases, mas não conseguem fazer uso da escrita para expressar conhecimentos;
2. Há de se ressaltar ainda que estas crianças estão concluindo o terceiro ano do ensino fundamental, o que demonstra que se trata de um processo de alfabetização tardio, levando em consideração a baixa proficiência e as dificuldades ortográficas apresentadas;
3. Muitas crianças ainda escrevem em caixa alta e apresentam baixo desenvolvimento ortográfico. Se a produção textual é um dos instrumentos motores do PNAIC, bem como a utilização da escrita com função social, é perceptível que está havendo uma falha em sua execução, pois boa parte dos alunos só conseguem escrever frases prontas.

Após o encerramento desta análise, é possível afirmar que ainda há muito a ser feito no município de Dona Inês em relação ao PNAIC, porém o município está no caminho certo. Há de se analisar como melhorar este caminho para torná-lo mais instigante para docentes e para as crianças, conseqüentemente fazer com a aprendizagem aconteça, e só assim, alcançar a tão sonhada qualidade da educação.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÊ, Marli E. D. de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BRASIL; **Diário Oficial da União**: Portaria Nº 86, de 4 de julho de 2012. Disponível em: <[http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/port\\_867\\_040712.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/port_867_040712.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2017.
- BRASIL; **Escola Ativa**. Projeto Base. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=5716-escola-ativa-projeto-base&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5716-escola-ativa-projeto-base&Itemid=30192)>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- BRASIL; MEC. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 30 jan. 2017.
- BRASIL; **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2016.
- BRASIL; **Programa de Professores Alfabetizadores**. Guia do formador. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/guia\\_for\\_1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/guia_for_1.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3ª ed. Porto: Porto Editora, 1992.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 25ª ed. São Paulo. Cortez, 2010.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- PACTO social recebe adesão de 2017 municípios. **Governo da Paraíba**. Publicado em: 9. Mar. 2017. Disponível em: <<http://paraiba.pb.gov.br/pacto-pelo-desenvolvimento-social-recebe-a-adesao-de-217-municipios-paraibanos/>>. Acesso em: 02. Fev. 2017.

-LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

-LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

-ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

-SZYMANSKI, H; ALMEIDA, L. R; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.

Entrevistas:

SANTOS, Maria Luiza Teixeira dos. Influência, impacto e contribuição do PNAIC na alfabetização dos alunos de Dona Inês/PB. Entrevista concedida a Maria das Vitorias Santos Silva Costa. Dona Inês. 30. Nov. 2016.

SILVA, Gilvanise Eunice da. Influência, impacto e contribuição do PNAIC na alfabetização dos alunos de Dona Inês/PB. Entrevista concedida a Maria das Vitorias Santos Silva Costa. Dona Inês. 30. Nov. 2016.

RODRIGUES, Izabel Cristina Araújo. Influência, impacto e contribuição do PNAIC na alfabetização dos alunos de Dona Inês/PB. Entrevista concedida a Maria das Vitorias Santos Silva Costa. Dona Inês. 30. Nov. 2016.

# APÊNDICE

**Apêndice A:**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DESTINADA AOS  
PROFESSORES ALFABETIZADORES DO PNAIC**

1. Qual a sua impressão sobre o PNAIC?
2. Como você descreve sua experiência e atuação na formação do PNAIC?
3. Você considera o programa eficaz? A sua metodologia é de fácil aplicação?  
Justifique.
4. As formações do PNAIC contribuíram para a sua formação enquanto professor alfabetizador?  
De que maneira?
5. Você percebe alguma diferença entre como você alfabetizava antes do PNAIC e hoje? Quais foram as principais mudanças observadas na sua prática?

## Apêndice B: FOTOS



Foto 1: Aplicação do teste de escrita



Foto 2: Visita à escola



Foto 3: Visita à escola.

# ANEXO



ESTADO DA PARAIBA  
PREFEITURA DE DONA INÊS  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

FICHA DE AVALIAÇÃO DISCENTE DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO ENSINO FUNDAMENTAL DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO – 1º, 2º E 3º ANOS

|                         |  |   |   |
|-------------------------|--|---|---|
| <b>Unidade Escolar:</b> | Escola Municipal Mundo Encantado da Criança                          | <b>Identificação da Turma:</b>              | 3º ano seriado do turno vespertino urbano |
| <b>Professor(a):</b>    | Glivanise Eunice da Silva  | <b>Diretor(a) e Coordenador(a) de Área:</b> | Maria Carmélia Ramos de Araújo            |
| <b>Supervisora(s):</b>  | Carla Priscila Alves da Silva e Maria de Lourdes Neves de Lima Costa | <b>Coordenador:</b>                         | José Junior dos Santos                    |
| <b>1ª Avaliação:</b>    | 09/03/2016   | <b>2ª Avaliação:</b>                        | 18/07/2016                                |
|                         |  | <b>3ª Avaliação:</b>                        |   |
|                         |  | <b>4ª Avaliação:</b>                        |   |
|                         |  | <b>5ª Avaliação:</b>                        |   |

| Nº | Turma | Nome                        | 01- Identifica os sons das vogais e faz uso deles. | 02- Identifica os sons do alfabeto e faz uso deles | 03- Escreve seu próprio nome. | 04- Lê e compreende palavras formadas por sílabas já trabalhadas. | 05- Lê e compreende frases formadas por palavras trabalhadas. | 06- Identifica os numerais e relaciona-os às quantidades. | 07- Identifica unidades de medidas: tempo, massa, comprimento e capacidade. | 08- Lê informações apresentadas em gráficos e pictogramas. | 09- Interpreta textos de diferentes gêneros e finalidades. | 10- Produz textos de diversos gêneros e finalidades. | 11- Resolve situações problemas |
|----|-------|-----------------------------|--|--|-------------------------------|---|---|---|---|--|--|--|---------------------------------|
| 1  | 3     | Alan Araújo Santos          | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | S S S   | P P S   | S S S  | N N P  | N N P  | N N P                           |
| 2  | 3     | Ana Alice F. Silva          | S S T  | S S T  | S S T                         | S S T   | S S T   | S S T   | P P T   | S S T  | P S T  | P P T  | P P T                           |
| 3  | 3     | Ana Michiele M. de Sousa    | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | S S S   | P P P   | S S S  | P P P  | P P P  | P P P                           |
| 4  | 3     | Arthur J. M. S. Araújo      | N N N  | N N N  | N N N                         | N N N   | N N N   | N N N   | N N N   | N N N  | N N N  | N N N  | N N N                           |
| 5  | 3     | Ana Clara R. de Oliveira    | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | S S S   | P P S   | S S S  | N P P  | N N P  | N N P                           |
| 6  | 3     | Elyshella Késia S. da Silva | S S S  | S S S  | S S S                         | S S P   | P P P   | P P P   | P P N   | S S N  | N N N  | N N N  | N N N                           |
| 7  | 3     | Isatas S. de Aquino         | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | S S S   | S S P   | S S P  | P P P  | P P P  | P P N                           |
| 8  | 3     | Vanilson Rodrigues          | S S S  | S S S  | S S S                         | P P S   | N N N   | P P P   | P P S   | S S S  | N N N  | N N N  | N N N                           |
| 9  | 3     | Jennyfer Kaisy              | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | S S S   | P P S   | S S S  | P P P  | P P P  | P P P                           |
| 10 | 3     | Joyce Maira Rodrigues       | S S S  | S S S  | S S S                         | P P S   | P P S   | P P P   | P P S   | S S S  | P P P  | P P P  | P P P                           |
| 11 | 3     | Juliana Lindolfo            | S S S  | S S S  | S S S                         | S S P   | N N P   | N N N   | P P N   | S S N  | N N N  | N N N  | N N N                           |
| 12 | 3     | Julio Cesar                 | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | S S S   | S S S   | S S S  | P P S  | P P P  | P P P                           |
| 13 | 3     | Kaio Douglas                | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | S S S   | S S S   | S S S  | P P S  | P P P  | P P P                           |
| 14 | 3     | Lucas Thierry               | S S T  | S S T  | P P T                         | P P T   | N N T   | N N T   | N N T   | P P T  | N N T  | N N T  | N N T                           |
| 15 | 3     | Maria Joyce                 | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | N P S   | P P S   | S S S  | P P P  | P P P  | P P P                           |
| 16 | 3     | Mateus Bento da Silva       | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | N P S   | S S S   | P P P   | S S S  | P P P  | P P P  | P P N                           |
| 17 | 3     | Thais Araújo da Silva       | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | P P S   | S S P   | P P P   | S S P  | N N P  | N N N  | N N N                           |
| 18 | 3     | Valdires de Jesus Cardoso   | S S S  | S S S  | P P P                         | P P P   | N N N   | P P P   | P P N   | P P P  | N N N  | N N N  | N N N                           |
| 19 | 3     | Wesley Emikael              | S S S  | S S S  | P S S                         | S S S   | S S S   | P S S   | P P S   | S P S  | N N T  | N N T  | N N T                           |
| 20 | 3     | Wemisson Marcolino          | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | P S S   | P S S   | P P S   | S S S  | P P P  | N N P  | P P N                           |
| 21 | 3     | Vitor Luiz S. Lima          | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | S S S   | S S S   | P P S   | S S S  | P P P  | N N P  | N N P                           |
| 22 | 3     | Clarence Batista            | S S S  | S S S  | S S S                         | S S S   | P P P   | S S S   | P P P   | S S S  | N P N  | N N N  | N N N                           |

**LEGENDA:** (S) Sim; (N) Não; (P) Parcial; (T) Transferido; (E) Evadido.  
**Sombreamento Verde**= Alunos que precisam de atenção especial e que deverão ser avaliados em conformidade à Resolução 03/2014 do CME;  
**Sombreamento Amarelo**= Alunos que precisam de atenção e ação do professor em algumas habilidades;  
**Sombreamento Laranja**= Alunos que precisam de atenção e ação redobradas do professor em algumas habilidades (S.O.S).